



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

OHANA SOARA ANDRADE SANTOS

**A lateral pós-vocálica em coda silábica : um panorama da velarização em contato
dialetal**

João Pessoa

2020

OHANA SOARA ANDRADE SANTOS

**A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato
dialetoal**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística, da
Universidade Federal da Paraíba – UFPB,
para a obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise
Linguística

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança
Linguística

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de
Lucena

João Pessoa

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237l Santos, Ohana Soara Andrade.

A lateral pós-vocálica em coda silábica : um panorama
da velarização em contato dialetal / Ohana Soara
Andrade Santos. - João Pessoa, 2020.

79 f. : il.

Orientação: Rubens Marques de Lucena Lucena.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Contato dialetal, lateral pós-vocálica, velarização.
I. Lucena, Rubens Marques de Lucena. II. Título.

UFPB/BC

OHANA SOARA ANDRADE SANTOS

**A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato
dialetoal**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal da Paraíba para
obtenção do título de mestre.

Aprovada em ____/____/____

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
(Orientador)

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)
Examinadora interna

Prof. Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes (UFCG)
Examinador externo

AGRADECIMENTOS

Concluo mais uma etapa da minha vida acadêmica transbordando gratidão a Deus, paternidade celestial e universal, à espiritualidade amiga, aos meus pais, grandes incentivadores e apoio maior em todos esses anos longe de casa, aos meus familiares e aos meus amigos de coração.

Agradeço, inicialmente, a Rubens, meu orientador, que com toda paciência, humanidade e colaboração me deu respaldo teórico-acadêmico e humano para sustentar essa pesquisa que hoje se apresenta. Ser humano de paciência inexplicável, professor ímpar e orientador sem igual. Minha jornada não teria sido a mesma nem teria o mesmo significado sem suas orientações. Obrigada!

Agradeço aos meus pais, Ana Cristina e Damião, e à minha irmã Yalorisa, como representantes de todos os meus laços fraternos, pelo incentivo, apoio e cuidado. Eles sempre foram minha base mesmo estando longe, me ensinaram os princípios que carrego comigo, acreditaram e confiaram em mim. Eu os amo demais!

Gratidão à minha família da UFPB, meus amigos-irmãos Luzia e Cassio que me fortaleceram no processo de graduação e no mestrado vivendo cada emoção comigo. À minha mãe de coração, Maria Aparecida Guimarães, que com todo amor, respeito e cuidado me acolheu na Assessoria de Extensão do CCHLA e mais carinhosamente no seu coração, meu eterno agradecimento.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da UFPB, nosso GP, pelo acolhimento sem limites e pelas inúmeras oportunidades de troca de conhecimento e de compartilhamento de experiências acadêmicas e de vida.

Agradeço imensamente à comunidade guineense de Redenção-CE pela disponibilidade e compromisso com a pesquisa, colaborando sempre da melhor maneira para a condução da pesquisa. Vivemos uma semana intensa de muito trabalho e aprendizado através das conversas formais e informais realizadas.

Agradeço às pessoas que indiretamente me ajudaram nesse processo. À minha amiga Daiana que dividiu comigo angústias e desafios no ano de 2019 sendo minha psicóloga e confidente, minha gratidão!

Agradeço ao meu professor Eduardo Moura, ao Centro de Dança Eduardo Moura – CDEM por ter sido lugar de refúgio para o equilíbrio das emoções, e aos amigos da dança de salão, seres capazes de despertar em mim, as melhores sensações de prazer e bem-estar. A dança transforma vidas.

Agradeço ao meu namorado, Nildo Santos, meu preto, pela companhia, pelo companheirismo, pelo carinho e pelo cuidado, sempre, e em tudo que faz por e para mim. Ele e o samba dele me alegram diariamente.

Agradeço muito à professora Juliene Pedrosa pela disponibilidade de sempre, desde a graduação, compondo minha banca de TCC, me orientando no Estágio Docência, compondo minha banca de qualificação e agora trazendo sua suavidade e leveza para minha banca de defesa.

Agradeço, por fim, a todos os profissionais e colegas que fizeram parte dessa gostosa jornada, pelas contribuições, pela colaboração e pela orientação.

RESUMO

O contato dialetal é um fenômeno presente na bagagem linguística e cultural dos guineenses desde seu nascimento, em consequência da origem de sua língua materna e do crioulo guineense, que surgiu através do contato entre línguas étnicas africanas e o português europeu. O presente trabalho se propõe a analisar a produção da consoante lateral /l/ em coda silábica, por falantes guineenses residentes no Brasil. Trabalha-se sob a hipótese de que essa consoante se comporta, na maioria das vezes, de forma velarizada, assumindo uma característica linguística dos falantes guineenses, enquanto os brasileiros a produzem, em sua maioria, de forma vocalizada. A pesquisa pauta-se, sobretudo, no contato dialetal entre o português brasileiro e o crioulo guineense e a partir disso, busca comprovar a ocorrência majoritária da velarização na realização dos guineenses através de métodos investigativos embasados pela teoria da variação linguística, destacando as influências extralinguísticas motivadoras desse processo de reestruturação das sílabas. Para a realização da pesquisa utilizou-se como corpus entrevistas gravadas baseadas em Tarallo (2005) e em Labov ([1966] 2008) no que diz respeito à estruturação e modo de condução das entrevistas, as quais foram organizadas baseadas em módulos temáticos condizentes com a realidade social e linguística dos informantes. Autores como Labov ([1966] 2008), para tratar da Sociolinguística Variacionista, Fernández (1998), Chacon (2012), Lucena (2017) e Silva (2013) sobre questões de contato dialetal. Através da codificação de todos os dados, rodados no programa GoldVarbX (Sankof, Tagliamonte, Smith - 2005), foram feitos cruzamentos de todas as variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas. Os resultados aos quais chegamos nos mostram que os estudantes guineenses com maior tempo de exposição/residência no Brasil continuam utilizando a lateral /l/ de forma velarizada obtendo valores muito altos de velarização.

Palavras-chave: Contato dialetal, lateral pós-vocálica, velarização, guineense.

ABSTRACT

Dialectal contact is a phenomenon that is present in the linguistic and cultural background of Guineans since their birth, because of the origin of their mother tongue and Guinean Creole, which arose through the contact between ethnic African languages and European Portuguese. The present work proposes to analyze the production of the lateral consonant /l/ in syllabic coda, by Guinean speakers living in Brazil. We work under the hypothesis that this consonant behaves, in most cases, in a velarized form, assuming a linguistic characteristic of Guinean speakers, while Brazilians produce it, mostly, in a vocalized form. The research is based, above all, on the dialectal contact between Brazilian Portuguese and Guinean Creole and, based on that, it seeks to prove the major occurrence of velarization in the realization of Guineans through investigative methods based on the theory of language variation, highlighting the extralinguistic influences affecting the syllable restructuring process. For conducting the research, recorded interviews based on Tarallo (2005) and Labov ([1966] 2008) were used as corpus with regard to the structure and conduct of the interviews, which were organized based on thematic modules consistent with the social and linguistic reality of the informants. Authors such as Labov ([1966] 2008), to address Variationist Sociolinguistics, Fernández (1998), Chacon (2012), Lucena (2017) and Silva (2013) on matters of dialectal contact. Through the encoding of all the data, run in the GoldVarbX program, all the established linguistic and extralinguistic variables were compared. The results we reached show us that Guinean students with the longest exposure/residency in Brazil continue to use the lateral /l/ in velarized form obtaining very high velarization values.

Keywords: Dialectal contact, post-vocalic lateral, velarization, Guinean.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS VOCÁLICA.....	16
GUINÉ-BISSAU E CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU	21
DESENHO METODOLÓGICO	39
A PROPÓSITO DE ANÁLISE	42
<i>Tempo de Exposição</i>	47
<i>Instrumento de coleta</i>	52
<i>Sexo/gênero</i>	54
<i>Contexto Fonológico Anterior</i>	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	67

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1: Traços dos segmentos e processo de velarização do /l/	19
Figura 2: Traços dos segmentos e processo de semivocalização	19
Figura 3: Gráfico de ocorrências da variável /l/	43
Figura 4: Representação silábica da lateral em coda no crioulo guineense.....	46
Figura 5: Vogais favorecedoras dos processos de velarização e vocalização	60
Figura 6: Parecer Consubstanciado do CEP	67
Figura 7: Ficha de identificação	69
Figura 8: Termo de Consentimento	70
Figura 9: Roteiro de entrevista sociolinguística	72
Figura 10: Lista de frases: Português	74
Figura 11: Lista de frases: Guineense.....	77

SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1: valores da aplicação de /l/ em posição de coda silábica	47
Tabela 2: valores da aplicação de /l/ de acordo com o tempo de exposição	48
Tabela 3: valores da aplicação de /l/ por instrumento de coleta	53
Tabela 4: valores da aplicação de /l/ por sexo/gênero.....	55
Tabela 5: valores da aplicação de /l/ quanto ao contexto fonológico precedente (vogais)	59

INTRODUÇÃO

O fenômeno da variação linguística condicionada cultural e socialmente é interesse de estudo em linhas de pesquisa que têm como base principal a Teoria da Variação Linguística, a exemplo, Labov [1966] (2008), Fernández (1994), que visam à compreensão do comportamento linguístico das e nas diferentes comunidades linguísticas. Sabe-se, por intermédio de pesquisas que vêm sendo realizadas, algumas delas citadas ao longo deste trabalho, que a variabilidade pode ser sistematizada e que a heterogeneidade das línguas se manifesta dentro de um sistema de regularidade.

Partindo de trabalhos já desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da UFPB, como os trabalhos de Silva (2013), Possatti (2015) e Lucena (2017), todos referenciando o contato dialetal, e considerando as situações de contato entre línguas, especialmente o contato entre línguas africanas e a variante do português no Nordeste do Brasil, surgiu o interesse em estudar a variação recorrente na pronúncia da consoante lateral /l/ pós-vocálica em posição de coda silábica, quando esta marca a fronteira entre duas sílabas, por falantes guineenses, residentes do Nordeste.

Utilizando-nos do pensamento de Mussalim e Bentes (2012), pontuamos um conjunto de fatores socialmente definidos que estão, supostamente, diretamente ligados à diversidade linguística: a identidade social do emissor ou falante, a identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social, julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas (MUSSALIM, BENTES, 2012, p. 31).

Para tanto, observou-se, através do contato social com estudantes guineenses, bem como pela leitura de pesquisas e estudos sobre situações de contato entre línguas desenvolvidos no Nordeste, a exemplo de Silva (2013) e Lucena (2017), que no vernáculo de guineenses residentes na região Nordeste do Brasil, a pronúncia do segmento lateral pós-vocálico ocorre categoricamente de maneira diferente da que os brasileiros da região Nordeste realizam esse segmento. Essa variação tornou-se o objeto de estudo da presente pesquisa, a qual busca extrair fatos ou motivos pelos quais os guineenses usam o segmento de forma diferenciada dos nordestinos, mesmo que eles estejam há anos imersos numa realidade linguística diferente daquela na qual aquele segmento se realiza velarizado.

Justificamos a relevância deste trabalho no interesse de explicar, descrever e comparar a produção linguística dos guineenses residentes no Brasil, em relação à própria variedade do português falado no Brasil e em relação à influência de sua língua materna ou segunda, no vernáculo desses indivíduos.

Acreditamos que a interface entre a análise sociolinguística e a fonologia acrescenta muito a este estudo, mesmo porque entendemos que buscar explicar as ocorrências variáveis da língua em relação aos contextos sociais que permeiam as vidas e trajetórias dos indivíduos sempre será a maneira mais completa de explicar qualquer fato relacionado à sua língua.

Adaptar-se a outras variedades linguísticas é, de certa forma, natural a qualquer indivíduo que se instale em comunidades linguísticas ou culturais diferentes da sua, podendo haver, também condicionado pelos fatores sociais, a possibilidade de convergência/transferência ou de divergência, questão maior a qual buscamos explicar e exemplificar nessa pesquisa.

Sendo assim, nosso objetivo geral é a investigação do comportamento da variável sociolinguística /l/, representada pela consoante lateral pós vocálica /l/ em posição de coda silábica medial e final, na realização de guineenses residentes no Brasil. A variável, por sua vez, pode realizar-se como [l], [ɫ], [w] e [ø] nas variedades brasileiras do português, e como [ɫ] ou [w] no crioulo guineense.

Com base na Sociolinguística Variacionista, a exemplo de Labov [1996] (2008), em interface com os estudos realizados sobre Contato Linguístico/Dialetal Fernández (1994) e teorias fonológicas, temos como objetivos específicos:

- observar quais são os fatores linguísticos e extra-linguísticos que interferem na produção da consoante lateral /l/ pelos guineenses no vernáculo da língua portuguesa;
- Comparar os resultados obtidos em cada grupo e em cada variável independente estabelecida;

Como ponto de partida para o estudo que se desenvolve, partimos da hipótese que o traço velarizado seja característico da língua étnica, caso a tenha, ou da língua crioula, o que acaba transparecendo no vernáculo da variedade do português falada pelos

guineenses como consequência do contato dialetal, apesar de Silva e Sampa (2017) afirmarem que

Ao contrário dos outros países, na Guiné-Bissau, as línguas étnicas, raras vezes, influenciam diretamente o português. Às vezes, acontece só no sotaque de alguns falantes, levando em consideração que esse falante já tinha aprendido outra língua antes do crioulo e posteriormente o português, por essas razões o sotaque desse indivíduo carrega certos laços dessa primeira língua (língua materna) (...) No caso específico da Guiné-Bissau, a cultura, principalmente a língua crioula, é que está impactando muito o português falado hoje no país. (SILVA e SAMPA, 2017, p. 241-242)

Sabemos que a variedade portuguesa falada na Guiné-Bissau provém do contato linguístico entre as línguas étnicas africanas e o português europeu. O fato de o português europeu ter sido o superstrato¹ para a formação do crioulo guineense patrocinou a criação da variedade portuguesa da Guiné-Bissau, variedade essa que é carregada de marcas das línguas étnicas que lhe serviram de substrato e que transparecem no português que os guineenses falam, ainda que pouco, por se fazer presente apenas nas esferas administrativa e educacional do país.

Por assim ser, a natureza variável do segmento lateral é o pressuposto maior que sustenta este trabalho, no qual buscaremos através de gatilhos sociais inferidos nas variáveis extralinguísticas e nas falas dos informantes, observar, estudar, descrever e explicar o comportamento linguístico dos guineenses em relação ao segmento fonológico em questão.

Para tanto, nos valeremos da Sociolinguística Variacionista, Labov [1966] (2008) e Fernández (1994) para embasar o nosso trabalho, o que nos oferece base teórica e metodológica específica para lidar com a variação linguística/dialetal, especialmente os moldes utilizados e descritos por Labov [1966] (2008) e instruções metodológicas explanadas por Tarallo (2005).

Para embasar teoricamente a consoante lateral, utilizamo-nos de teorias fonológicas que dão conta da descrição do segmento e a descrição das possibilidades de ocorrência no Brasil e na Guiné-Bissau. Para isso, nos referenciamos em Câmara Jr.

¹ Os termos superstrato e substrato serão detalhados mais a diante.

(2004), Hora (2006), Sá (2006), Pinho e Margotti (2010), Costa (2014), Silva (2014), Matzenauer e Miranda (2017).

Por fim, para embasar o contato dialetal nos referimos a Fernández (1998), com suas várias e especiais contribuições a respeito dos níveis de contato e suas especificações. Referência esta que descreve e especifica categoricamente as nossas aspirações postuladas nas perguntas de pesquisa.

Essa dissertação se apresenta em 4 capítulos. O primeiro é um capítulo introdutório que busca situar o leitor de maneira geral sobre o presente estudo. O segundo versa sobre o objeto de estudo e o seu comportamento fonológico no português do Brasil e no crioulo da Guiné-Bissau. O terceiro capítulo situa a teoria da variação e a teoria do contato linguístico/dialetal. O quarto tem como destaque a metodologia desenvolvida nessa pesquisa culminando na análise do objeto de estudo destacado.

ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS VOCÁLICA

Com o intuito de entender como a consoante lateral /l/ se manifesta na posição pós-vocálica, tanto no português do Brasil quanto no crioulo da Guiné-Bissau, buscamos base teórica que nos esclarecessem formalmente o segmento em questão.

A consoante lateral /l/, assim classificada por ser produzida com uma obstrução do ar na linha central do trato vocal, expelindo o ar por ambos os lados da obstrução e tendo portanto a saída lateral (SILVA, 2014, p.34), é o objeto de estudo da pesquisa que se apresenta. Fonologicamente, esse “l” ortográfico corresponde a um segmento lateral vozeado de articulação dental ou alveolar, a depender do dialeto ou idioleto no qual se manifesta (SILVA, 2014, p.63).

No português do Brasil, a consoante lateral /l/ em posição de coda, ou seja, em final de sílaba, se comporta de forma variável, podendo realizar-se caracteristicamente como [ɫ, w, ø] em alguns dialetos ou idioletos da região Sul do país, como em Santa Catarina, Porto Alegre, Paraná; como [w] nos dialetos das demais regiões, podendo-se encontrar poucas realizações variáveis dentro de cada dialeto, e segundo Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), esse segmento ainda pode realizar-se como [h] e [Ø]. Vejamos os exemplos em 1.

1. /l/ - [ɫ] : [w] : [h] : [ø]

/sal/ - [sal] : [saw] : [sah] : [sa]

No exemplo 1, vimos as diferentes formas variáveis nas quais a lateral em posição de coda pode aparecer. A articulação dental ou alveolar na posição de coda silábica já foi um fato comum no Sul do país, mas considerado anômalo em outras regiões (CAMARA JR, 2004, p. 31). A variante vocalizada acontece caracteristicamente no Nordeste, mas também apresenta ocorrência em dialetos do Sul e de todo Brasil, podendo ser caracterizada como uma variante predominante em todo país que tem uma tendência geral de realização no português do Brasil (SÁ, 2006, p.5). A lateral ainda pode ser substituída por um rótico em alguns contextos fonológicos ou ser apagada quando em contextos precedido de vogais arredondadas altas, como é o caso de /w/, vejamos:

Uma outra realização possível da lateral em coda silábica é o seu apagamento após a vogal /u/, fenômeno mais comum, e após a vogal /o/ (mais raro), como podemos observar em palavras como Sul > su

e soldado > sodado. Em tais casos, quando a lateral já vocalizada é apagada, vemos que parece ocorrer um leve alongamento na pronúncia da vogal do núcleo da sílaba, o que poderia ser melhor averiguado em um estudo acústico futuro. (PINHO e MARGOTTI, 2010, p.70)

De acordo com Sá (2006), no Sul do país há uma preferência pela variante alveolar que se realiza, em grande parte, como velarizada por questões especialmente extralinguísticas. A região Sul propicia esse conservadorismo do segmento por conta do grande contato linguístico com o português de fronteira, com as línguas dos imigrantes italianos e alemães e com o espanhol que contém o segmento lateral no seu inventário fonológico. A realização da lateral na variedade do Sul do país se assemelha à forma como o segmento se realizou e se realiza no português europeu.

Segundo Oliveira et al. (1998 *apud* SÁ, 2006) no português do Brasil as consoantes alveolares favorecem à vocalização do segmento, enquanto as bilabiais favorecem seu apagamento.

Na posição pós vocálica deixa de ser alveolar para ser velar, uma vez que o dorso da língua se eleva até o véu palatino resultando numa supressão do movimento da ponta da língua. Um arredondamento dos lábios e a passagem livre do ar o tornam vocalizado, sendo esta uma realização já característica do português brasileiro. (SÁ, 2006, p.02).

Ainda destacando as questões extralinguísticas envolvidas nesses processos, Pinho e Margotti (2010) destacam que questões como escolaridade, etnia, sexo, idade e região são favorecedores da ocorrência de certos processos fonológicos, como a vocalização, por exemplo. Eles apontam que

No estudo de Dal Mago (1998), foi utilizado o banco de dados do VARSUL, e constatou-se que os fatores extralinguísticos são mais relevantes para o aparecimento da vocalização do que os fatores puramente linguísticos. Por exemplo, os mais escolarizados, ou seja, aqueles que cursaram até o colegial, tiveram uma taxa de vocalização por volta de 50%. Por outro lado, aqueles que possuem somente o primário vocalizaram 30%. Esses dados indicam que quanto maior é a escolaridade do informante, maior é a vocalização da lateral. O fator escolaridade parece, portanto, um condicionante. (PINHO e MARGOTTI, 2010, p.72)

Os autores ainda ressaltam que esse processo não é inédito no Brasil, sendo comum em todas as línguas neolatinas, destacando contextos que favorecem a vocalização do segmento lateral: palavras em que o /l/ pós vocálico está em sílaba tônica,

palavras com até duas sílabas, palavras em que o contexto precedente é constituído pelas vogais /u/, /ε/, /o/.

Conforme Hora (2006), os segmentos vocálicos que favorecem a vocalização da lateral são /i/, /e/, /ε/, /a/ e os que favorecem o apagamento são /ɔ/, /o/, /u/, mas ele só acontece em interior de palavra, quando precedido de uma vogal posterior. A lateral tende a ser preservada quando antecedita por vogais anteriores ou pela vogal central /a/.

Segundo Costa (2014), no crioulo ou na variedade do português guineense, a lateral em posição de coda silábica só ocorre como velarizada [ɫ], “situando-se antes de outra consoante ou em final absoluto de palavra, ocupando sempre a posição de coda silábica” (COSTA, 2014, p. 195). Ainda conforme a mesma autora, processos fonológicos como a velarização são muito comuns na língua crioula. A vocalização, processo comum no Brasil, não é característica nas variedades crioula e portuguesa da Guiné-Bissau.

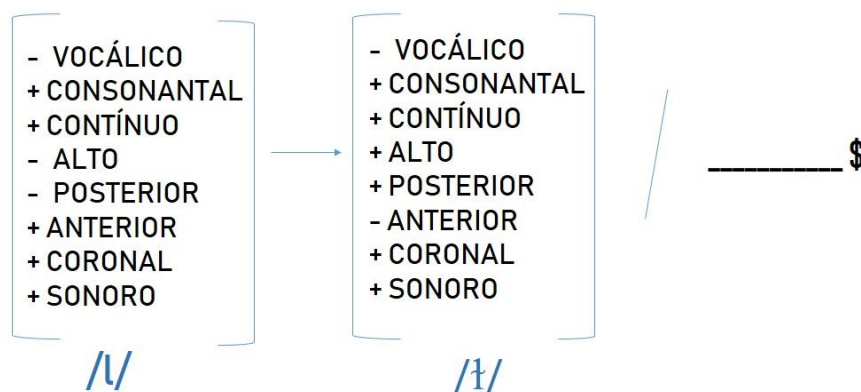
As informações destacadas acima podem nos ajudar a refletir sobre algumas explicações para os dados encontrados nesta pesquisa, dados estes que se apresentam num capítulo próprio para a sua análise, mas não se descarta a necessidade de aprofundamento nas questões sociais da língua, as quais refletem direta ou indiretamente na manutenção da estrutura da sílaba, recaindo significativamente na maneira como os sujeitos utilizam a variante fonológica /l/.

De acordo Matzenauer e Miranda (2017), os traços podem ser caracterizados como atributos de cada segmento, compondo, de forma aleatória, consoantes e vogais, ou podem ser considerados como autossegmentos, funcionando como traços organizados hierarquicamente contribuindo para a estrutura interna de cada segmento. (MATZENAUER e MIRANDA, 2017, p. 52). Essas características se dão a partir de regras fonológicas que permitem, ou não, a alteração dos traços de dado segmento. Portanto, os traços podem descrever os segmentos nos dando respaldo para analisar e caracterizar cada segmento das línguas.

Os processos fonológicos afetam contextos específicos e as alternâncias sonoras se dão quando um mesmo fonema apresenta mais de um alofone contextual, é o caso da lateral /l/. Vejamos os traços característicos de cada segmento acompanhado das regras fonológicas descritas pela teoria gerativa, para as diferentes realizações do segmento /l/ no português do Brasil e no crioulo da Guiné-Bissau. No Brasil temos:

Figura 1: Traços dos segmentos e processo de velarização do /l/

TRAÇOS DOS SEGMENTOS E PROCESSO DE VELARIZAÇÃO DO /l/



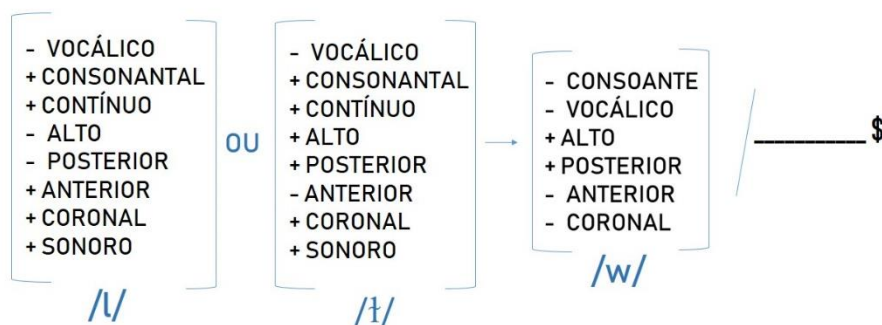
FONTE: a autora

Ocorre a mudança nos traços [-alto] para [+ alto], [- posterior] para [+ posterior] e [+ anterior] para [- anterior] de /l/ em contextos de final de sílaba. Ou seja, em posição de coda silábica, e para que ocorra a velarização do /l/ tem de haver mudança nos traços originais do fonema.

Ex.: mel: /mɛl/ → [mɛw]

Figura 2: Traços dos segmentos e processo de semivocalização

TRAÇOS DOS SEGMENTOS E PROCESSO DE SEMIVOCALIZAÇÃO



FONTE: a autora

Para acontecer a semivocalização da consoante /l/, os traços [- consonantal], [- alto], [- posterior] e [+ coronal] de /l/ passam a [+ vocálico], [+ alto], [+posterior] e [- coronal], ocorrendo sempre em finais de sílabas, ou seja, para que haja o processo, o segmento perde seus traços característicos e adquire novos traços, sendo realizada como outro segmento.

Ex.: papel: /papel/ → [papɐw]

Para que aconteça o apagamento do segmento lateral temos a seguinte regra: [w] → [ø] / [su] __. Sendo assim, o fonema que já está realizando-se como vogal, portanto [+ vocálico], perde totalmente seus traços quando em contextos precedidos pela vogal /u/.

Ex.: Sal: /saw/ → [saɫ] → [sa]

No crioulo guineense, o processo fonológico chamado velarização do segmento lateral acontece de acordo com a regra fonológica: /l/ → [ɫ] / __ / C ou \$. Portanto, a única possibilidade de perda ou modificação dos traços da lateral em coda na língua guineense é a que propicia a velarização do segmento que, via de regra, acontece sempre em final de sílaba, ou antes, de consoantes. Vejamos nos exemplos 5 e 6.

Ex.: sol: /sol/ → [soɫ]

Ex.: kaldu: /kaldu/ → [kaɫdw]

Conforme Barbosa (2011), através do PCF- Parâmetro da Consoante Final, podemos observar processos como a manutenção, o apagamento ou o preenchimento de consoantes finais como / l, r, s/. Segundo a autora, a ação do PCF na língua portuguesa permite a existência de uma consoante final com núcleo vazio que a licencia. Barbosa (2011) defende que os segmentos / l, r, s/, os mais comuns em finais de palavras, configuram-se como onset de uma sílaba com núcleo vazio, considerando que ela pode ser realizada pós-lexicalmente sozinha, com núcleo preenchido, ex. /males, males, mai[za]lɐm/, ou apagada, como em /mah/ [ma], /automovel/ [automove].

Compreende-se, de acordo com o exposto, que os processos destacados, em relação à consoante lateral, acontecem no nível silábico revelando mudanças na estrutura da sílaba,

visto que a possibilidade da influência dos segmentos que acompanham a sílaba ou mesmo o vocábulo é quase nula.

GUINÉ-BISSAU E CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU

Guiné-Bissau é um país africano de 36.125 Km² localizado na costa ocidental da África, entre o Senegal e a República da Guiné, banhado pelo Oceano Atlântico. O país possui uma população de aproximadamente 1.520.830 habitantes, ex-colônia de Portugal, tornou-se independente em 24 de setembro de 1973. O país faz parte da PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e convive numa situação de multilinguismo entre o português, o crioulo e as línguas étnicas de cada grupo existente. O país é composto por uma grande diversidade étnica sendo composto por guineenses de diversas etnias, senegaleses, árabes, liberianos, nigerianos, libaneses e mauritanos.

Para compreender os motivos da variação em destaque neste estudo faz-se necessário buscar informações sobre os sujeitos realizadores de tal variação. Nesse sentido, contextualizamos rapidamente o crioulo da Guiné-Bissau, língua esta que permite a comunicação entre os guineenses de várias etnias diferentes e falada por todos os informantes participantes da pesquisa.

O crioulo, hoje falado na Guiné-Bissau como língua materna de mais de 100.000 guineenses e por mais de 600.000 nativos multilíngues, formou-se entre os séculos XVI e XVII. Consoante Embaló (2008), ele possui gramática e léxico próprios, surgiu em Cabo Verde através do contato entre as diferentes línguas étnicas e a língua de superstrato, o português europeu, em situação de comunicação predominantemente comercial. Junto ao crioulo de Cabo Verde, o crioulo da Guiné-Bissau forma o grupo dos crioulos da Alta Guiné, o mais antigo grupo de línguas crioulas de base portuguesa.

O crioulo é uma língua que, junto ao português, idioma oficial da Guiné-Bissau, e às línguas étnicas africanas, constituem as línguas maternas da maioria da população guineense, é falado em todo o país compondo uma situação linguística de diglossia ou triglossia. O crioulo é a língua mais falada em todo o país, correspondendo a um total de 90,4% de falantes. O português é falado por apenas 27,1% da população. As línguas

étnicas com maior número de falantes são as línguas orais não codificadas: balanta, fula, mandinga e pepel, pelo fato desses povos serem os mais numerosos no país.

Couto (s.d.) destaca no mínimo quatro variedades do crioulo de base portuguesa: Cachéu/São Domingos, Bafatá e Geba, de Bissau e Baloma, Ziguinchor e o de Cabo Verde. Semelhante a qualquer língua, o crioulo possui variantes que se estabeleceram regionalmente. A variação regional do crioulo se sobressai à variação histórica visto que elas são visíveis tanto dentro quanto fora do país, estabelecendo aspectos comuns a todas as variedades do crioulo também fora da Guiné-Bissau (COUTO s.d., p. 110).

Conforme Intumbo (2004), o crioulo é uma língua que possui características formais de todas as línguas em contato, mas com maior parte do léxico proveniente da língua de superstrato, ou seja, o português, com interferências fonético-fonológicas características das línguas de substrato que são as línguas étnicas africanas envolvidas no contato dialetal.

Os laços de pertencimento étnico, cultural e social de identidade são estabelecidos essencialmente através da comunicação permitida através das línguas. Timbane e Balsalobre (2017) destacam que a República da Guiné-Bissau não faz nenhuma referência à importância do uso das línguas étnicas faladas no país. A língua crioula também não dispõe de alfabeto nem acordo ortográfico oficial. Tal realidade dificulta o processo de fortalecimento de uma política linguística eficiente no país, visto que, a nível constitucional, ainda não há essa preocupação com a língua e a situação linguística do país.

Nesse sentido, a situação sociolinguística do país é bastante complicada, especialmente pelo fato de haver várias línguas disputando os mesmos falantes e o lugar de prestígio. O fato de fazer parte da PALOP complica ainda mais o caso, porque leva-se em consideração o fato dos PALOPs possuírem uma política linguística bem estabelecida que fortalece o uso da língua portuguesa como língua oficial desde o período colonial, favorecendo, conseqüentemente, o processo de descrioulização e até de desaparecimento de algumas línguas nativas por falta de política linguística na Guiné-Bissau.

Silva e Sampa (2017) fazem um destaque à questão da língua oficial do país ser o português, atentando mais uma vez para a falta de política e planejamento linguístico no país, o que torna a situação real de comunicação completamente distante da que se “vê” nos textos oficiais. Segundo os autores,

a língua dita “oficial” na Guiné Bissau não domina os trabalhos tanto no poder legislativo quanto no judiciário, pois pouco se discute as suas matérias em português. Ainda mais, os debates na Assembleia Nacional Popular, e os julgamentos nos tribunais da capital e, muito menos, no interior do país não são realizados em português; 2) Igualmente, é possível constatar que o povo não usa o português no seu dia a dia. (SILVA e SAMPA, 2017, p.234)

Fatos como estes mostram que em Guiné-Bissau poucas pessoas falam o português, ficando essa quantidade de falantes restrita à população da capital, Bissau, e de grandes centros urbanos do país. Essa falta de domínio do português, mesmo que de sua variante guineense, pela grande maioria da população reflete, de acordo com Silva e Sampa (2017), o fraco rendimento escolar da maioria dos alunos, que não falando português, fazem parte de um sistema de ensino colonialista que é baseado no português europeu.

Mesmo com toda a dificuldade imposta pela falta de política e planejamento linguístico na Guiné-Bissau, as línguas africanas têm resistido às desvantagens enfrentadas. Tal fato ocorre porque a própria sociedade guineense carrega consigo fortes traços de suas línguas étnicas e do crioulo, refletindo diretamente no seu jeito de viver na sociedade e de falar, inclusive, a sua variante portuguesa.

O português falado nos países de língua oficial portuguesa são variantes diferentes do português europeu, assim como se diferencia do português falado no Brasil por conta de questões históricas e culturais envolvidas na situação de contato entre as línguas que, conseqüentemente, não são as mesmas. Assim, a variante do português falada na Guiné-Bissau apresenta suas particularidades e se distancia das variedades faladas em outros países, em especial, porque o modo de falar português dos guineenses é influenciado pelo crioulo ou pelas línguas maternas dos falantes, e a formação social, cultural, política dos países é diferente.

Em conformidade com Fafina (2011), baseado em dados colhidos em situação real de fala, nos níveis fonético-fonológico, léxico e morfossintático, a variação entre o português da Guiné-Bissau e o português europeu é próxima, sendo mais distante da variedade brasileira. Isso se dá pelo fato da convivência entre as línguas na situação de contato linguístico, que se deu de forma diferente entre a Guiné-Bissau e o Brasil, recaindo, assim, fatores especiais e particulares em cada uma das variedades.

Essa semelhança ao português europeu pode se dar não apenas pelo fato de que ela seja o substrato do crioulo, mas também pelo fato do prestígio social que ainda existe em relação ao português e à pouca valorização do português guineense. Essa situação é provocada pela falta de sentimento de pertença à língua portuguesa pelos guineenses, como se falar a variedade guineense do português fosse errada pelo fato de ser uma língua de fora. Essas questões estão diretamente ligadas à face social das línguas e a que cada uma delas representa ou importa na e para a sociedade em questão.

PERCURSO TEÓRICO: TEORIA DA VARIAÇÃO

A sociolinguística é uma área interdisciplinar da Linguística que estuda as relações existentes entre língua e sociedade considerando a relação entre a estrutura linguística e os aspectos sociais envolvidos na produção linguística.

a sociolinguística tem tido que fazer frente a toda uma série de problemas relacionados com sua definição, questionando-se inclusive sobre seu status como campo de estudo. Assim, uns, mais recentes, a consideram como uma tentativa interdisciplinar, outros, uma disciplina como tal com identidade própria, outros, como uma parte da linguística geral, e outros, mais radicais, como o núcleo central de toda a linguística – argumentando que toda a sociolinguística é linguística e toda a linguística é sociolinguística. (HERNÁNDEZ, 2005, p.01, tradução nossa)²

O nascimento da sociolinguística, de caráter multidisciplinar, abordou temas de interesses da linguística, da antropologia e da sociologia. Segundo Fernández (1998), no ano de 1964, começaram a surgir congressos importantes para a apresentação de trabalhos na área. Passou-se então a se propagar a concepção sociológica da linguagem, que considera a fala um fato social que deve ser estudado em relação a outros fatos sociais, de maneira que só se manifesta em sociedade. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZÁRIO e VOTRE, 2013, p.141).

Abordando a relação entre língua e sociedade, a sociolinguística e a sociologia da linguagem partilham do mesmo objeto de estudo: língua e sociedade, porém, com finalidades diferentes. A sociologia da linguagem estuda a língua para entender questões da sociedade, enquanto a sociolinguística estuda sociedade para entender questões linguísticas.

²...la Sociolingüística há tenido que hacer frente a toda una serie de problemas relacionados con su definición, cuestionándose incluso su estatus como campo de estudio. Así, unos, más reticentes, la consideran como una ‘tentativa’ interdisciplinar, otros, una disciplina como tal con identidad propia, otros como una parte de la Lingüística General, y otros, más radicales, como el núcleo central de toda la Lingüística – argumentando que toda la sociolingüística es lingüística y toda la lingüística es sociolingüística. (HERNÁNDEZ, 2005, p.01)

A principal questão da sociolinguística, de acordo com Labov [1966] (2008), é suscitada pela necessidade de criar significados no ato da comunicação. Hernández (2005) a caracteriza como

um ramo da linguística, assim como aponta Labov, é uma forma distinta de fazer linguística; ver a linguagem como um fenômeno social e cultural; estuda a linguagem em seu contexto social, em situações da vida real, por meio da investigação empírica; está relacionada à metodologia e conteúdos das ciências sociais, principalmente a antropologia social e a sociologia. (HERNÁNDEZ, 2005, p.01)³

De acordo com o autor, existem dois tipos de sociolinguística, uma que estuda a estratificação interna dos diassistemas, e outra que estuda a relação entre os diassistemas e a sociedade. A partir disso, ele elenca os tipos de problemas imbricados em cada uma delas: a) os macroproblemas, que incluem a diversidade linguística, a aquisição da linguagem, os domínios do uso, as atitudes linguísticas, o plurilinguismo e o nível macrosociológico; b) os microproblemas, que elenca a interação linguística em pequenos grupos e a análise da conversação.

Fernández (1998) detalha dois paradigmas conceptuais metodológicos complementares, a macro-sociolinguística e a micro-sociolinguística. A primeira é responsável por estudos em grande escala sobre o uso da língua por determinados grupos. São feitas análises de linguística secular, sociologia da linguagem e áreas que conservam grupos de falantes relativamente volumosos. A segunda é um pouco mais restrita e se dedica à análise e descrição das línguas e às características dos usuários.

A macro-sociolinguística se preocupa com a organização social do comportamento linguístico, a micro-sociolinguística se preocupa com a organização do comportamento social. Essas questões dizem respeito à heterogeneidade linguística, destacada por Labov [1966] (2008) como um fenômeno natural que resulta de fatores linguísticos fundamentais para o funcionamento da língua.

³una rama de la linguística, si bien, como apunta Labov, es una forma distinta de hacer linguística; mira al lenguaje como fenómeno social y cultural; estudia el lenguaje en su contexto social, en situaciones de la vida real, por medio de la investigación empírica; está relacionada con la metodología y contenidos de las ciencias sociales, principalmente la antropología social y la sociología. (HERNÁNDEZ, 2005, p.01)

A Teoria da Variação Linguística tem base funcional, ou seja, está relacionada a ideais funcionalistas e ao marco hegeliano atuando sobre o princípio de natureza integradora, dinâmica e interativa, que leva em consideração as variações da língua considerando as diferentes situações sociais, culturais e discursivas.

Parafraseando Fernández (1998), a língua é variável e pode se manifestar de maneiras diferentes para dizer a mesma coisa, obtendo nas variantes realizadas, o mesmo valor de verdade. O uso de uma variante no lugar de outra não altera o valor semântico do que se está sendo dito.

com isto se quer dizer que os falantes recorrem a elementos linguísticos distintos para expressar coisas distintas, naturalmente, e que, às vezes, existe a possibilidade de usar elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas. (FERNÁNDEZ, 1998, p.17)⁴

Os modos variáveis da língua podem se enquadrar em situações distintas e isso ocorre porque existem comunidades diferentes que falam a mesma língua, comunidades que usam diferentes variantes de uma mesma língua e ainda comunidades em que se usam línguas diferentes.

Para Fernández (1998), as situações mais interessantes aos trabalhos sociolinguísticos são aqueles nas quais as variantes são determinadas conjuntamente por fatores linguísticos e sociais. A variação pode ser estudada em diferentes níveis. O nível fonético-fonológico, abordado nesta pesquisa é o que tem o maior número de análises realizadas, e é determinado, assim como todos os níveis de variação, por fatores linguísticos e extralinguísticos. A variação no nível fonético-fonológico pode ser determinada por fatores linguísticos que estão relacionados com a posição da variante na palavra, pelos elementos que a antecedem e/ou sucedem, ou pela sua função gramatical, por exemplo.

Existem métodos puramente sociolinguísticos para analisar a variação fonético-fonológica, e algumas características podem ser especialmente provocadoras de análises:

a) frequência: quanto mais frequente a ocorrência das variantes distintas, mais

⁴con esto se quiere decir que los hablantes recurren a elementos lingüísticos distintos para expresar cosas distintas, naturalmente, y que, a la vez, existe la posibilidad de usar elementos lingüísticos diferentes para decir unas mismas cosas. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 17)

possibilidades existem de se conseguir uma boa análise quantitativa desses dados; b) integração em sistemas fechados: quanto mais a variável está integrada num sistema linguístico e mais dependente de outros elementos desse sistema, mais ideal ela se mostra para os estudos sociolinguísticos; c) estratificação social e estilística: relação entre as variantes linguísticas e fatores sociais e situacionais que se encontram principalmente em falantes de características sociais e situacionais determinadas.

Nas análises sociolinguísticas, são utilizados dois tipos de variáveis, as dependentes e as independentes. As variáveis dependentes são aquelas que se tornam objeto de estudo, ou seja, o fenômeno que se tem necessidade de investigar. As variáveis independentes são as que consideramos como fatores de interferência no estudo da variável dependente. As variáveis independentes são divididas em duas categorias: a) linguísticas que têm relação com os fatos da língua e b) extralinguísticas que têm relação com fatos externos à língua, ou seja, fatos sociais e/ou culturais. As últimas atuam na língua de acordo com fatores sociais mais proeminentes em cada comunidade estudada.

REFERENCIANDO O CONTATO DIALETAL

O contato entre línguas é um fenômeno comum que faz parte da história de toda e qualquer comunidade linguística, fornecendo propriedades ricas às línguas e afetando-as em todos os seus níveis. Esse fato constitui-se como fonte de variação e mudança junto aos fatores internos e externos às línguas. Fala-se em línguas em contato quando existem duas ou mais línguas em uma situação, seja ela qual for.

Segundo Fernández (1998), as situações de contato favorecem o aparecimento de fenômenos derivados do contato entre línguas destacados em três grupos, são eles: a) fenômenos derivados do contato de sistemas: interferência, convergência, empréstimo e transferência; b) fenômenos derivados do uso de várias línguas: eleição de língua, substituição de língua, mudança de código, mescla de código; c) variedades derivadas do contato de línguas: línguas pidgin, línguas crioulas, variedade de fronteira ou de transição.

Esses fenômenos se distinguem pelos seguintes traços: são fenômenos derivados da situação de contato entre línguas, ou seja, situações de bilinguismo ou multilinguismo, manifestações que na maioria dos casos se dão com indivíduos que falam mais de uma

língua ou quando o contato entre línguas acontece na comunidade ou entre duas comunidades distintas.

Os casos de multilinguismo podem resultar em mudanças linguísticas e não são provenientes do sistema interno da língua, surgem das situações de contato entre sistemas linguísticos. Eles dependem dos fatores sociais que incluem a atitude dos falantes, as atitudes da comunidade, prestígio ou estigma, situações comunicativas, entre outros fatores e suas consequências linguísticas são perceptíveis em todos os níveis.

Os fenômenos mencionados acima podem ser analisados quando tratamos de conceitos como substrato, superstrato e adstrato os quais formam a tríade que constitui a tipologia básica de situações de línguas em contato, e de onde se derivam todos os tipos de transferências, empréstimos e mudanças linguísticas.

Conforme Fernández (1998), o substrato serve para designar uma língua ou dialeto que deixou de ser utilizado após a eleição de uma nova língua ou dialeto imposto. Trata-se, portanto, de uma situação na qual a possibilidade ou necessidade de eleição de uma língua traz como consequência o abandono ou substituição de outra. Nos casos de substituição, a antiga língua influencia e deixa sua marca sobre a outra. O superstrato age de forma contrária, nele a língua conquistadora não chega a substituir a conquistada, mas a influencia e deixa nela traços linguísticos particulares. Por fim, o adstrato se refere à intervenção mútua entre duas línguas vizinhas ou que conviveram num mesmo território. Considerando os conceitos da tríade e entendendo que esses conceitos recaem sobre os fenômenos em ação, retornemos aos fenômenos.

Os termos transferência, convergência e empréstimo estão relacionados ao contato entre sistemas linguísticos diferentes, sendo assim, a inicial ideia de transferência se dá como desvio das normas de qualquer língua que entra em situação de contato, o que supõe a influência de uma língua sobre a outra até que se modifiquem propriedades naturais das línguas que coexistem.

Para mudar a ideia de desvio, a sociolinguística tem investido em um novo conceito para as transferências, como sendo uma nova visão do comportamento linguístico das comunidades bilíngues, nas quais as situações de contato são naturais. Sendo assim, “transferência se definiria, portanto, como o domínio que uma língua exerce

sobre outra e, concretamente, como o uso, em uma língua B⁵, de um traço característico da língua A⁶.” (FERNÁNDEZ, 1994, p.263). As situações nas quais ocorrem transferência são:

A substituição de uma forma da língua B por uma forma da língua A ou a incorporação de uma forma de A inexistente em B. Esse fenômeno corresponde ao que tradicionalmente se tem chamado de empréstimo. Silva-Corvalán trata de transferência direta.

A incorporação do significado de uma forma da língua A ao de uma forma existente na língua B. Estaríamos também diante de uma transferência direta.

O aumento da frequência de uma forma de B por corresponder-se com uma forma categórica ou majoritária na língua A. Se trataria de uma transferência indireta.

Perda de uma categoria ou uma forma da língua B que não existe na língua A. Também estaríamos frente a uma transferência indireta. (FERNÁNDEZ, 1998, p.264).⁷

A convergência é diferente da transferência. Por se tratar do contato entre sistemas linguísticos, na convergência não acontece a adaptação de traços da língua A na língua B, por exemplo. O que acontece, nesses casos, é a intensificação ou generalização de esquemas já existentes no sistema da língua receptora ou de substrato. A convergência afeta a ordem de palavras, a frequência de uso de determinados vocábulos, ou seja, a convergência favorece o uso de formas da língua A (conquistada/substrato) que coincidem com as formas da língua B (conquistadora/superstrato).

Questões como a colonização territorial, emigração, ocupação de outros países favoreceram e ainda favorecem fortemente situações de contato linguístico, recaindo sobre a comunidade envolvida, traços que influenciam socialmente, economicamente e linguisticamente. De acordo com Mané (2007, p.95), esse contato entre línguas pode

⁵ Língua B – nova língua de exposição.

⁶ Língua A – Língua materna ou 1ª língua.

⁷ 1) La sustitución de una forma de la lengua B por una forma de la lengua A o la incorporación de una forma de A inexistente en B. Este fenómeno corresponde a lo que tradicionalmente se ha llamado *préstamo*; Silva-Corvalán habla de *transferencia directa*.

2) La incorporación del significado de una forma de la lengua A al de una forma existente en la lengua B. Estaríamos también ante una *transferencia directa*.

3) El aumento de la frecuencia de una forma de B por corresponderse con una forma categórica o mayoritaria en la lengua A. Se trataría de una *transferencia indirecta*.

4) Pérdida de una categoría o una forma de la lengua B que no existe en la lengua A. También estaríamos ante una transferencia indirecta (por ejemplo, la pérdida de la marca de género en adjetivos del español hablado en Los Ángeles). (FERNÁNDEZ, 1998, p. 264)

acarretar diversos resultados linguísticos tais como o surgimento de novas línguas, mescla linguística e morte de línguas.

Segundo Lucchesi e Baxter (2009), o contato entre línguas gera o processo de nativização, processo esse que ocorre de maneira irregular de modo que os dados linguísticos a que as crianças são expostas são decorrentes de versões de segunda língua desenvolvidas por falantes adultos de outras línguas. Nesse sentido, o processo de aquisição da linguagem pelas crianças ocorre de maneira contrária ao da transmissão geracional normal das línguas humanas, no qual as crianças dispõem de dados originais e completos fornecidos pela língua materna dos pais.

Lucchesi e Baxter (2009) chamam esse processo decorrente do contato de transmissão linguística irregular, que pode levar à formação de uma língua crioula ou à criação de uma nova variedade histórica da língua de superstrato. A transmissão linguística irregular explica-se não por ser uma maneira errada de aquisição da língua, mas uma maneira atípica de aquisição da linguagem, na qual as condições para a aquisição não são as consideradas normais pelo fato do *input* não ser o da língua materna dos falantes adultos, e sim um *input* de L2 adquirida e desenvolvida por adultos.

O contato entre línguas diferentes, por questões sociais, políticas, econômicas obriga o surgimento de uma linguagem intermediária que permita a comunicação entre todos os envolvidos, até que essa se torne língua. Essa linguagem veicular é, geralmente, utilizada em situações restritas de comunicação e chamada por Fernández (1998) de pidgin.

O resultado do contato é a coletivização de uma pequena quantidade de itens lexicais que os falantes manipulam com base na sua própria competência comunicativa. No entanto, com o passar do tempo inseridos na situação de contato essa linguagem inicial desenvolvida necessita de expansão estrutural e gramatical devido a sua limitação linguística, assim ela passa a assumir funções linguísticas ao passo que vai se tornando modelo de aquisição da linguagem para descendentes de falantes de outras línguas. Essa expansão passa por dois movimentos, são eles:

a erosão gramatical da língua alvo, que, nos processos mais radicais de contato, pode levar à eliminação de todo o seu aparato gramatical no momento inicial de sua aquisição como segunda língua por falantes adultos; e (ii) a recomposição gramatical dessa(s) variedade(s) defectiva(s) de segunda língua, que ocorre em função do

estabelecimento da rede de relações sociais que vai dar ensejo à formação de uma nova comunidade de fala. (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p.103).

Nesse sentido, os pidgins, linguagens veiculares que surgem do contato entre falantes de diferentes línguas maternas e em situações sociais diversas como, comércio, escravidão e viagens, podem, também, ser uma variedade linguística qualitativamente distinta da língua alvo, sendo ininteligível para os falantes monolíngues de qualquer uma das línguas em contato (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p. 104). Sendo assim, conforme Mané (2007, p.96), acredita-se que os pidgins sejam exemplos de certo tipo de aprendizagem de uma língua não materna, passando de sistemas mais simples a sistemas mais complexos à medida que as necessidades comunicativas vão aumentando.

Os pidgins são considerados os primeiros estágios da aquisição espontânea de uma língua e, por isso, não podem funcionar como língua materna, pois são linguagens em desenvolvimento que não possuem léxico nem morfologia extensos, servindo apenas para a comunicação direta. Em algumas situações, os pidgins são considerados línguas marginais, ruins ou até mesmo uma aprendizagem mal feita de uma língua de superstrato, por isso nunca competem funcionalmente e socialmente com uma língua plenamente desenvolvida. “A sua expansão gramatical decorre principalmente dos processos de reestruturação original da gramática e da transferência de estruturas provenientes das línguas de substrato” (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p. 107).

Mané (2007) afirma que existem pidgins de curta duração e pidgins de longa duração e que a sua duração depende da situação socioeconômica na qual ele se aplica, podendo durar de acordo com a situação de origem ou mudar, caso a situação aplicável mude.

A gramática dos pidgins é muito reduzida apresentando uma pequena quantidade de fonemas e a preferência pela estrutura silábica CV, geralmente com vocábulos pequenos, pouca ou nenhuma derivação e flexão e as funções sintáticas são indicadas sempre no formato SVO com um léxico bastante reduzido. Quando se estabiliza, o pidgin pode evoluir tornando-se o gerador de uma língua crioula.

O processo de transformação e evolução do pidgin é chamado de criouliização. Consoante Mané (2007), pidgins e crioulos se diferenciam, especialmente, porque os

pidgins funcionam como segunda língua, enquanto os crioulos são línguas maternas de falantes nativos.

A evolução de pidgins estáveis adquirindo mais léxico e tornando-se mais aperfeiçoado morfológicamente, corresponde ao nascimento de uma língua crioula. Isso ocorre por conta da necessidade de complexificação da língua que deixa de servir apenas para a comunicação básica e passa a ter uma expansão funcional, reconstruindo as estruturas gramaticais e lexicais, adquirindo características de língua crioula.

Em ambos os casos, tanto na evolução do pidgin quanto na do crioulo o que se busca é a reestruturação gramatical que se perde no processo de transmissão linguística irregular o que acontecerá mais fácil ou dificilmente a depender da intensidade do processo de erosão que a língua alvo sofreu.

Se as condições sociolinguísticas proporcionam um maior acesso aos modelos da língua de superstrato, menores serão a erosão e, conseqüentemente, a necessidade de recomposição da gramática; e quanto menor for esse acesso, maiores serão a erosão e o processo posterior de reestruturação gramatical. E o nível de acesso à língua de superstrato (condicionado por fatores socioculturais e demográficos) continua sendo determinante nas fases seguintes da expansão estrutural da nova variedade linguística (seja no plano da rede de relações sociais, seja no plano da aquisição da língua materna nas gerações seguintes), pois um menor acesso à LA⁸ abre espaço para a incorporação e fixação de elementos gramaticais do substrato. (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p.113)

Por assim ser, Lucchesi e Baxter (2009) consideram que a situação de contato propiciadora da transmissão linguística irregular funciona sob dois níveis de estruturação gramatical. Um no qual fazem parte a faculdade da linguagem junto às estruturas das línguas de substrato e superestrato, e o outro onde a constituição dessas estruturas na nova variedade linguística determina, unidas ao processo sócio-histórico, as funções linguísticas que cada uma irá desempenhar.

Couto (s.d, *apud* MANÉ, 2007, p. 104) afirma que o processo de aquisição de uma língua crioula passa por três níveis de comunicação até que o próprio se torne efetivamente língua. O primeiro nível, chamado de nível primário, é o estágio inicial da

⁸ O termo LA para Lucchesi e Baxter (2009) refere-se à Língua Alvo, ou seja, a língua a qual o falante está exposto.

comunicação no qual os povos e as línguas em contato não são comuns. Nesse estágio cada falante usa a sua competência linguística para tentar estabelecer comunicação.

O segundo nível é chamado de nível essencial de interação. Nele a gramática começa a se tornar estável para estabelecer sentenças. No terceiro nível, chamado de nível ótimo da comunicação, a gramática da nova língua, surgida através do contato linguístico, já se encontra em nível de gramática de língua crioula. Essa etapa marca a consolidação de uma nova comunidade linguística.

As línguas crioulas são o resultado da evolução estrutural e funcional dos pidgins, que geralmente são usados em situações restritas de comunicação, passando a adquirir léxico estável, gramática própria e tornando-se língua materna dos falantes da comunidade na qual se estabeleceu (MANÉ, 2007, p.108).

De acordo com Couto (1991) e Maroneze (s.d.), existem, por exemplo, os crioulos de base lexical portuguesa: crioulo do Golfo da Guiné (São Tomé, Príncipe, Ano Bom), crioulo de Cabo Verde - CCV (Barlavento e Sotavento), crioulo de Guiné Bissau - CGB, crioulo do Senegal, e crioulo de Timor Leste; crioulos de base lexical francesa: falados no Haiti, Ilha de Reunião e Louisiana; crioulos de base lexical inglesa: crioulo da Guiana, Trinidad, Jamaica e Havaí; crioulo sino-português de Macau; crioulo indo-português de Goa e de Damão; crioulo falado na Índia; no Sri Lanka; no Sudeste asiático; na China; no Brasil; e o papiamentu, crioulo falado nas ilhas do ABC (Aruba, Bonaire e Curaçau), no Caribe e nas Antilhas Holandesas.

Couto (s.d.) aponta pelo menos quatro variedades da língua crioula de base portuguesa, são: o crioulo nativizado, o crioulo tradicional e o crioulo aportuguesado e o português acrioulado. O crioulo nativizado é usado para designar o crioulo influenciado pelas línguas étnicas. Ele se realiza geralmente em casos de casamento interétnico no qual os noivos passam a utilizá-lo por estarem saindo do conforto de falar apenas em sua língua étnica. Por esta causa deixam que sua língua étnica influencie em grande grau o seu falar crioulo, especialmente no que diz respeito à entonação e ao ritmo da fala.

O crioulo tradicional, também chamado de crioulo puro, é o utilizado pelos idosos. Pode-se dizer que seja o crioulo que não é influenciado por nenhuma língua étnica, ou seja, aquele que é a língua materna de seus falantes, nem pelo português. Essa variante se distingue das outras em quase todos os aspectos, especialmente no fonético-fonológico, vejamos:

Uma característica marcante do crioulo é a presença da velar nasal /ŋ/, inexistente em português. É um dos poucos fonemas que podem ocorrer em qualquer posição: no início de palavra, antes de vogal como em /ŋoporo/ (foice); antes de consoante como em /ŋdz(ason/ (injeção); em posição intervocálica como em /luna/ (lua) e em posição final. (COUTO, s.d, p.114-115)

Couto (s.d.) destaca que o crioulo tradicional, apesar de tão característico tende a desaparecer ou se modificar gradualmente através das gerações através de um processo glotofágico, dando lugar ao crioulo aportuguesado.

O crioulo aportuguesado, conforme Couto (s.d.), é uma variante muito influenciada pelo português. Segundo o autor, essa modalidade é a falada pelos mais jovens e estudantes que já têm familiaridade com a língua portuguesa deixando que ela influencie, por vezes conscientemente, por vezes não, o seu modo de falar crioulo. Essa variante também é a falada nas repartições públicas onde é permitido falar crioulo, e na qual são feitos os cartazes para campanhas de saúde pública, propagandas, etc.

Considerando o posicionamento do autor, pode-se afirmar que essa variante do crioulo nasceu da necessidade comunicativa na qual os falantes, quando esqueciam ou não sabiam um vocábulo do crioulo, substituíam-no por um do português, fazendo uma mescla entre as duas línguas no mesmo enunciado, mas onde se prevalecia o crioulo frente ao português. A respeito dessa distinção entre as variantes do crioulo Couto (s.d.) destaca que

Sumariando, poderíamos afirmar que num futuro não muito distante o crioulo tradicional desaparecerá, cedendo o lugar ao crioulo aportuguesado. O prognóstico linguístico, ou seja, a antecipação do que poderá eventualmente ocorrer com uma língua, não só funcionalmente mas também estruturalmente é perfeitamente possível (...) O dia em que não houver mais crioulo tradicional a distinção entre ele e o crioulo aportuguesado tampouco existirá. Podemos dizer puramente “crioulo”. (COUTO, s.d, p.119)

Levando em conta a evolução linguística, podemos corroborar a hipótese do autor acrescentando que, além das influências portuguesas instauradas no crioulo, outras também fazem parte desse panorama, tornando o crioulo cada dia mais misto tanto por influência das línguas étnicas quanto pela influência de segundas e terceiras línguas dos falantes plurilíngues.

A presente realidade colabora para a confirmação da hipótese destacada acima, a de que atualmente não existem mais essas variantes do crioulo como colocadas pelo autor, sendo assim, as variantes: crioulo nativizado, crioulo tradicional e crioulo aportuguesado cederam espaço para um novo crioulo no qual todas as variantes citadas antes como distintas, passaram a circular juntas.

Essa hipótese confirma-se ainda mais a partir do momento em que passamos a observar que independentemente da região e etnia, a maioria da população já tem acesso à educação, consequentemente já tem sua língua influenciada pela língua portuguesa, como idioma oficial do sistema educacional do país, e de línguas estrangeiras como o inglês e o francês que são terceira e/ou quarta língua de falantes plurilíngues, realidade não comum, mas prevista desde a década de 90.

O português acrioulado, citado por Couto (s.d.) como mais uma variante do crioulo, adapta a cultura e o raciocínio dos falantes do crioulo ao modo de expressão do português. Todos aqueles indivíduos que falam o crioulo entendem o português mesmo que não o falem por conta do processo histórico e social de formação da língua crioula, que herdou em sua maioria o léxico português com a prosódia do crioulo ou das línguas étnicas em contato. Desse modo, o português acrioulado é o que podemos chamar de português da Guiné-Bissau ou português guineense, assim como existem o português da Espanha, do Brasil, de Portugal.

Atentado para a realidade linguística já instaurada na Guiné-Bissau em relação ao crioulo, Couto (s.d.) postula mais duas hipóteses para o “futuro linguístico” do crioulo da Guiné-Bissau. Segundo o autor, a questão das variantes, destacada acima num panorama geral que vai desde as línguas nativas, todas as variantes do crioulo, até o português lusitano em sentido linear e hierárquico, compõe um *continuum* que tende a evoluir sempre na direção ascendente.

Significa dizer que até os anos 90 ainda existiam as várias variantes do crioulo, como por exemplo, as línguas nativas, o crioulo nativizado, o crioulo tradicional, o crioulo aportuguesado e o português acrioulado, todas distintas. Após os anos 90 algumas das variantes foram desaparecendo e a evolução da língua se deu pautada num leque de possibilidades bem menor que o de antes.

Na hipótese do autor, esse processo é chamado de “crioulização-descrioulização”. Nele haveria inicialmente o processo de crioulização dos falantes, processo natural no

qual eles teriam como língua materna sua língua étnica ou o crioulo, e que depois do processo educativo e de inserção no universo da língua portuguesa haveria uma descrioulização, que resultaria na desconstrução/esquecimento da língua crioula transformando-se num português acrioulado. De acordo com o autor, para se chegar a essa conclusão, fez-se necessário considerar as necessidades sociais desses falantes, uma delas, a projeção de no futuro sair do seu país de origem em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Esse processo de crioulização-descrioulização pautado por Couto (s.d.) como uma hipótese em relação à evolução da língua, corrobora a realidade linguística atual na Guiné-Bissau. Essa realidade vai da crioulização, quando as crianças aprendem sua língua étnica para se comunicar em casa e com os falantes da mesma etnia, aprendem o crioulo para se comunicar com falantes de outras etnias, a descrioulização, quando inseridos no sistema educativo, aprendem o português para se comunicar em situações formais.

Do ponto de vista linguístico, Couto (1991) pondera que o crioulo vive frente a alguns dilemas. O primeiro é que nas cidades se fala predominantemente crioulo e nas zonas rurais predominantemente as línguas étnicas, embora se possa afirmar que hoje não existe praticamente nenhum guineense que não tenha pelo menos um domínio mínimo do crioulo (COUTO, 1991, p.43).

O segundo dilema é a questão do crioulo em relação ao português. De acordo com o autor, a língua de comunicação cotidiana é o crioulo, mas os textos e a história da Guiné-Bissau estão escritos em português, bem como a alfabetização e o aprendizado escolar, em que a língua materna não é o português. O autor coloca essa situação em uma posição de descrioulização e até mesmo uma aproximação cada vez maior do crioulo ao português.

Em terceiro lugar vem o dilema da questão de identidade e progresso. O autor afirma que, adotando o crioulo como língua nacional e oficial do país, se afirmará linguisticamente a sua identidade crioula. Mas, por outro lado, existem questões progressistas que afirmam que falando apenas crioulo os indivíduos terão dificuldades para se inserir nas comunidades externas e conseguir internacionalização.

É perceptível que a Guiné-Bissau não possui uma política linguística bem estabelecida, o que dificulta discussões como a instaurada neste trabalho, nos deixando à margem de reflexões a respeito do processo de descrioulização citado a cima, visto que

vemos esse processo como algo que talvez se explique baseado em questões muito mais extralinguísticas que linguísticas.

DESENHO METODOLÓGICO

O encaminhamento metodológico aqui apresentado embasou-se em alguns aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística clássica, a saber, alguns dos procedimentos utilizados por William Labov em sua tese de doutorado, e que, em seguida, foram melhor detalhados por Tarallo (2005). Posteriormente foram feitos cruzamentos com aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística.

Pensando no que Labov [1966] (2008) chama de paradoxo do observador, ao afirmar que os meios usados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados, e relacionando essa afirmativa à pesquisa proposta, consideramos interessante a realização de uma entrevista laboviana clássica: procedimento não monitorado e de fala espontânea, e um encontro para a leitura de frases com cada informante: técnica controlada.

Para o desenvolvimento prático da metodologia foi feito um levantamento dos estudantes guineenses universitários residentes na região Nordeste (Redenção- CE), atentando para a viabilidade de contato pessoal com essas pessoas. Concluído o levantamento, os possíveis informantes foram contatados para uma entrevista.

Na entrevista não esteve claro o objetivo da pesquisa aos informantes, eles foram informados apenas que a pesquisa tratava sobre língua e cultura da Guiné-Bissau, ficando clara a importância da contribuição deles para a coleta das informações necessárias no trabalho. Os informantes que aceitaram contribuir com a pesquisa preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido ⁹e responderam a uma ficha social, com algumas informações pessoais que serviram, inicialmente, como uma espécie de seleção a respeito de disponibilidade e interesse em participar.

Os informantes foram separados em dois grupos, um referente a guineenses residentes no Brasil há mais de dois anos, doravante G1, o segundo referente a guineenses residentes no Brasil há até dois anos, doravante G2. Determinamos variáveis independentes sociais e linguísticas, que estão relacionadas à variável dependente, para a análise dos resultados obtidos em relação a cada grupo. As variáveis extralinguísticas controladas foram: sexo/gênero masculino e feminino, tempo de exposição à língua

⁹ Modelo do termo em anexo.

portuguesa e tempo de residência no Brasil; as variáveis linguísticas foram: posição da consoante em coda medial e final e contexto fonológico anterior.

Como mencionado anteriormente, foram necessárias uma entrevista de fala espontânea e uma leitura de frases, ambas gravadas e de maneira individual. A primeira entrevista, elaborada de acordo com os moldes labovianos - modelo A3¹⁰, foi uma conversa previamente elaborada com base em módulos temáticos: cultura, família, amigos, depoimentos pessoais e língua. A segunda, necessária para a coleta dos dados controlados, foi a leitura de frases estabelecidas e nela os informantes leram duas listas de frases preparadas no programa PowerPoint, no qual cada slide corresponde a uma frase.

As entrevistas foram realizadas em língua portuguesa, com duração de aproximadamente 20 a 30 minutos cada uma, com um informante por vez. Buscou-se manter a homogeneidade na condução dos módulos para que os temas não ficassem discrepantes. As entrevistas foram realizadas nos campus Liberdade e Palmares, da UNILAB. A leitura das frases realizou-se na sede da rádio Nova Destak Fm, na cidade de Acarape - CE.

A composição das listas foi feita da seguinte maneira: uma lista de 10 palavras em crioulo guineense, e uma lista de 10 palavras em português. De cada 10 palavras, 5 contêm o segmento /l/ em coda medial e 5 com o /l/ em coda final. Essas 10 frases foram mescladas com mais 10 frases contendo palavras distratoras (palavra que não contêm o segmento lateral) em cada uma das línguas.

Todo o procedimento totalizou 40 frases que foram lidas por cada informante. A organização das frases na sequência de leitura foi feita de maneira que o informante lesse cada palavra duas vezes, mas que não se desse conta de que a palavra estava repetida. Ao final do procedimento a quantidade de frases dobrou, contabilizando 80 frases, 40 em português e 40 em crioulo.

A escolha das palavras que contêm o segmento foi feita de modo que não aparecessem palavras desconhecidas para os informantes. A escolha dos termos distratores foi feita de forma aleatória de modo que nenhum deles tivesse relação com as

¹⁰ O contexto A3 representa uma transição dos contextos em que a fala casual é formalmente adequada para aqueles em que o estado ou atitude emocional do falante suplanta qualquer restrição formal, e a fala espontânea emerge” (LABOV, [1966] 2008, p.116).

palavras que promovem a ocorrência do fenômeno da velarização e o seu uso serviu para que os informantes não dessem conta de que está sendo analisada a produção da consoante lateral.

Todas as palavras apresentam-se em uma única “frase veículo”, ex. a palavra é “_ _ _”, em português e “*Es palabra i _ _ _*”, em crioulo guineense. Essa coleta de gravações foi importante para que se pudesse analisar com precisão a realização da velarização do fonema /l/ nas duas línguas em questão, servindo posteriormente para comparação dos dois momentos, o controlado e o não controlado. O uso de dados não naturais pode servir, entre os objetivos já destacados, para observar o desempenho do informante em fala formal (monitorada) e informal (não monitorada).

Para a análise das entrevistas foram destacadas palavras que contêm o fenômeno em questão nas posições de coda medial e final, o que foi considerado como dado da pesquisa, e através do programa GoldVarb X (Sankof, Tagliamonte, Smith, 2005) desenvolvemos a análise de ocorrência da velarização desse fonema relacionando a cada variável para ter-se o resultado da relevância de cada fator na ocorrência do processo fonológico em questão. Realizados todos os procedimentos, foi feita a análise de todos os dados, os quais poderão ser explicados pela teoria sociolinguística do contato dialetal em relação com teorias fonético-fonológicas e que se apresentam no capítulo que segue.

A PROPÓSITO DE ANÁLISE

Através do programa computacional GoldVarb X, (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) programa específico para o cruzamentos de dados de pesquisas sociolinguísticas, pudemos obter o número total de ocorrências da variável dependente /l/ que se subdivide em [l], [w], [ɫ] e [ø], bem como o cruzamento entre as variáveis dependente e independentes controladas nesta pesquisa.

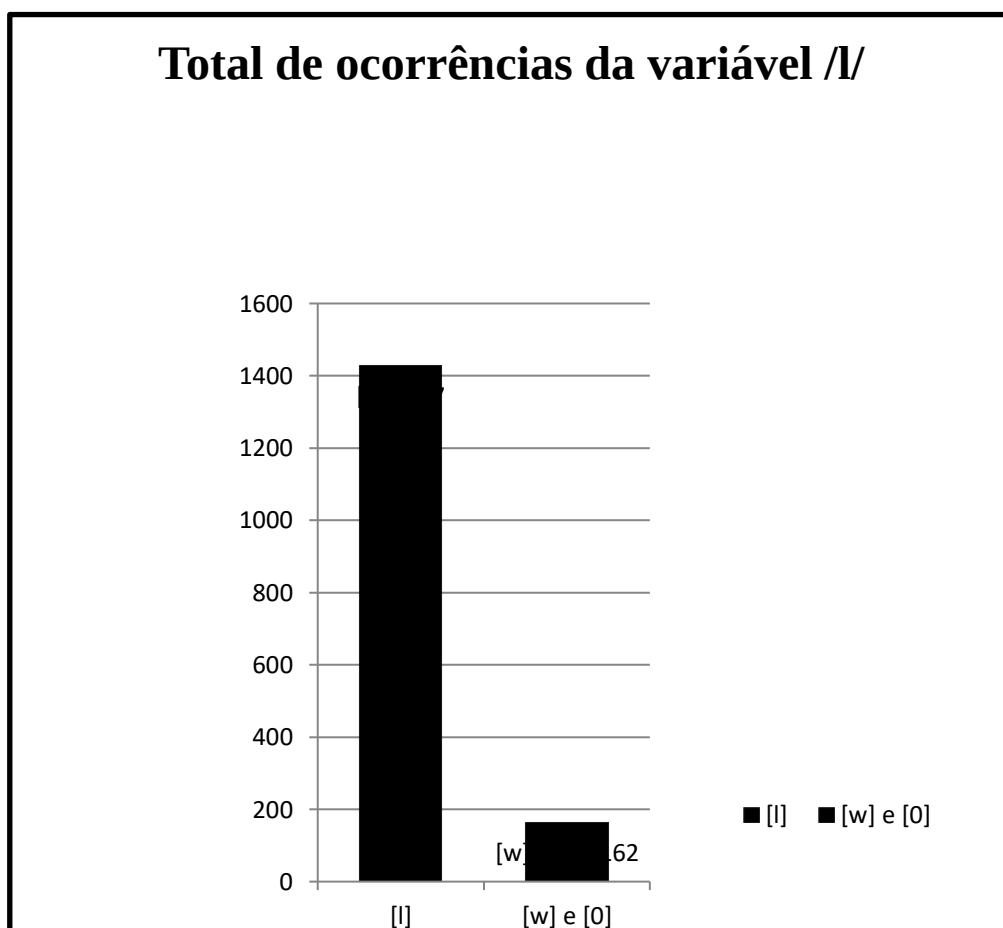
Na região Nordeste, a consoante lateral em posição pós-vocálica se manifesta majoritariamente de maneira semivocalizada [w]. Na Guiné-Bissau, país de origem dos informantes desta pesquisa, que têm como língua de comunicação o crioulo, a mesma variante é realizada de maneira velarizada [ɫ]. Assim, vemos a relação entre duas variantes de características totalmente diferenciadas em relação aos seus traços característicos.

Nesta seção observaremos a análise de cada variável independente em relação à aplicação da consoante velarizada, o que nos proporciona conclusões circunstanciadas de nossa análise, a partir de estudos realizados anteriormente a respeito do mesmo segmento.

A análise de cada variável independente aparece organizada de acordo com a ordem de relevância selecionada pelo programa computacional GoldVarb X, a saber: coda silábica, tempo de exposição, instrumento de coleta, sexo/gênero e contexto fonológico anterior.

A seguir, o gráfico correspondente à porcentagem de ocorrências de cada variante da variável fonológica /l/. Vejamos.

Figura 3: Gráfico de ocorrências da variável /l/



FONTE: a autora.

No gráfico acima observa-se que, de acordo com o programa, a consoante velarizada corresponde a 90% das ocorrências de fala dos falantes guineenses, sem importar, por enquanto, o tempo que esse falante está exposto ou em contato com a variante brasileira e nordestina da língua portuguesa.

Através disto podemos esperar, ainda que precocemente, que as perguntas iniciais dessa pesquisa sejam respondidas sem que sejam deixadas muitas lacunas no caminho, visto que só através do primeiro gráfico já é possível corroborar a hipótese de que os guineenses mantêm a consoante velarizada característica de sua L1 ou L2, mesmo os que estão há mais tempo em exposição ao português do Brasil.

Sendo assim, passemos às análises de cada variável independente.

Coda Silábica

A posição da coda na sílaba, por ser mais frágil que o onset e o núcleo favorece os processos de reestruturação silábica, especialmente no caso da consoante lateral pós vocálica, que só ocorre na posição de coda.

A variável independente destacada como de maior relevância no processo foi a correspondente à posição do segmento /l/ no vocábulo, se na coda medial ou final, resultando no valor de aplicação de 0.65 em coda silábica medial e 0.35 em coda final, o que corrobora a assertiva de que a posição medial praticamente não sofre influência dos segmentos que a seguem ou precedem, ao contrário da posição final que tende a apagar, independentemente da natureza do segmento adjacente.

De acordo com Selkirk (1982 *apud* HORA, PEDROSA e CARDOSO 2010), a estrutura da sílaba é composta por dois níveis: no primeiro nível estão o onset e a rima, e no segundo nível, a rima se subdivide em núcleo e coda. O onset é a parte inicial da sílaba, podendo não ser preenchido foneticamente. O núcleo é a parte mais sonora da sílaba, constituído sempre por uma vogal ou *glide*, vogal mais semi-vogal. A coda é, no entanto, a parte final da sílaba e por isso não tem a necessidade de ser foneticamente preenchida, tornando-se a posição mais débil da sílaba em termos de sonoridade.

Considerando a sílaba como menor unidade prosódica, Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) destacam que as sílabas internas possuem características diferentes das sílabas finais. As finais podem assumir o papel de coda, quando apaga um segmento ou prioriza a estrutura CV, ou ainda, o papel de onset com núcleo fonético não preenchido, quando mantido o padrão silábico CVC, padrão este, não muito utilizado na variante brasileira do português.

A coda, por sua vez, ocupa posição de travamento silábico o que propicia as consoantes mais sonoras ou até mesmo os glides. Por serem posições silábicas consideradas debilitadas, coda e onset são, em sua maioria, menos sonoras e ocupadas preferencialmente por consoantes hierarquicamente menos proeminentes em relação ao nível de sonoridade.

No português do Brasil, a busca pelo não travamento silábico favorece a realização vocalizada desta lateral e mesmo a posição sendo favorável para a formação

de coda, a lateral não consegue preenchê-la em final de palavra. Quando em posição final, o segmento tem mais probabilidade de sofrer influência de outros segmentos ou até mesmo apagar-se, o que ocorre com mais deficiência no meio da palavra.

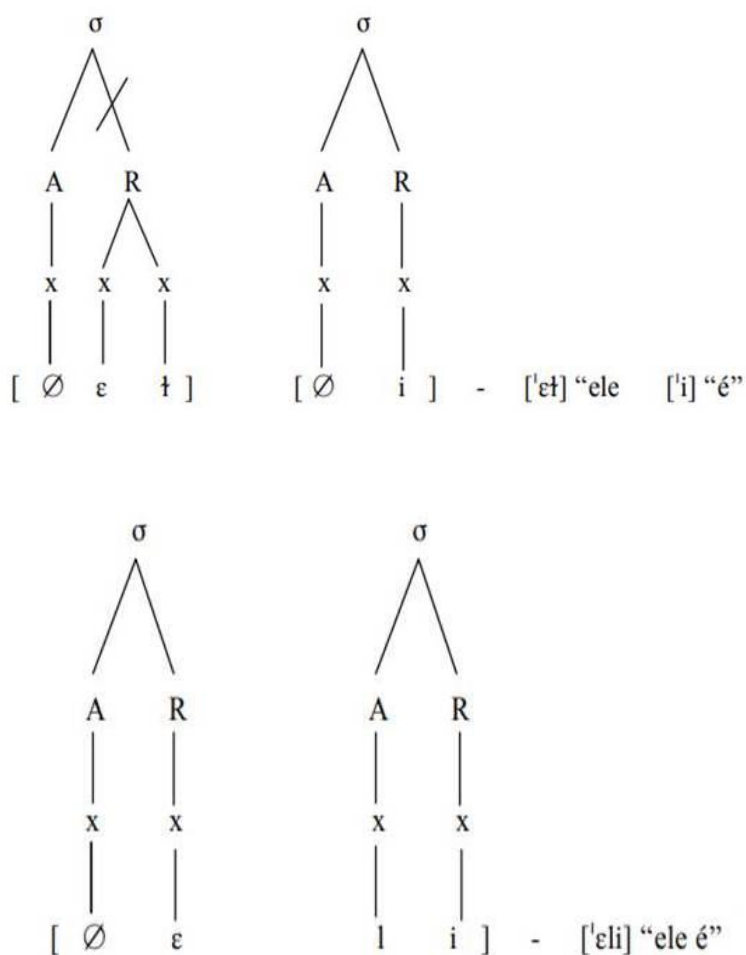
Quednau (s.d.) aponta a variável analisada como favorecedora do processo de velarização. O primeiro fator que consideramos importante para a justificação do resultado obtido é o fato de que na posição de coda medial o segmento velarizado permaneceu firme mesmo estando propenso a sofrer influência dos segmentos subjacentes, mas que não acontece, como destacam Hora, Pedrosa e Cardoso (2010).

Silva (2013) chama esse processo de não influência do meio de “contínuo inverso” no qual quanto mais distante do fim do vocábulo, mais chances tem a consoante velarizada de permanecer sem alteração confirmando assim que a preservação da lateral tende a ser uma regra que se estabelece tanto no interior quanto no final do vocábulo.

Costa (2014) destaca que a consoante alveolar /l/, no crioulo guineense, ocupa posição de ataque silábico ou de coda podendo aparecer antes de outra consoante ou em início, meio ou final absoluto de palavra. Ela ainda aponta que as sílabas fonológicas fechadas /VC e CVC/ são recorrentes no crioulo guineense.

Note-se que, se uma palavra terminar em /l/ e vier seguida de outra iniciada por vogal, o /l/ realiza-se como [l] e não é velarizado porque esse passa a ocupar a posição de ataque da sílaba seguinte, sendo ressilabificado. Esse processo ocorre, por exemplo, em [ɛli.kapuh.soh] “ele é professor”, em que a lateral velarizada do pronome [‘El] passa a ser ataque da sílaba seguinte, o verbo “ser” em sua forma conjugada produzido como [i] “é”. (COSTA, 2014, p.196)

Figura 4: Representação silábica da lateral em coda no crioulo guineense



Fonte: SILVA, 2013, p.196

Constatamos que uma mesma língua pode promover tipos diferentes de coda mesmo que em referência a um padrão estrutural estabelecido pela língua. Dessa maneira, podemos confirmar mais uma vez a hipótese de transferência linguística ao invés de um processo inicial de acomodação dialetal, visto que, pelo resultado obtido os informantes realizam o segmento no português brasileiro conforme o fazem em crioulo.

Tabela 1: valores da aplicação de /l/ em posição de coda silábica

Tipo de coda	N/T	%	P.R
(coda medial)	729/775	94,1	0.65
(coda final)	669/814	85,7	0.35

Input: 0.929

Significância: 0.000

Através dos resultados, podemos dizer que assim como no Brasil o uso velarizado da lateral foi ou ainda permanece predominante na variante de algumas regiões, por questões que fogem do viés linguístico, com os estudantes guineenses acontece o mesmo, o uso permanece categórico por assim ser em sua língua materna ou segunda. As motivações que fazem com que eles mantenham a lateral velarizada estão ligadas ao contato entre os dois sistemas linguísticos.

Tempo de Exposição

Em nosso estudo, a consoante lateral pós-vocálica manifestou-se através das variantes [ɫ], [w] e [ø]. Destacamos, neste sentido, que a variante que obteve o maior número de realizações foi a velarizada [ɫ], a qual é característica majoritária da língua crioula.

O tempo de exposição ou tempo de residência é, em estudos envolvendo contato dialetal, considerada uma variável que se sobressai em relação às outras que a acompanham, ocupando quase sempre o primeiro ou segundo grau de relevância através do programa GoldVarb X.

Chacon (2012), por exemplo, considera o tempo de exposição apenas como variável social, visto que seus resultados estatísticos foram suficientes para essa

conclusão. Nós, por considerarmos que esta variável além de valor social possui intrinsecamente um valor atitudinal linguístico, a consideramos como uma variável híbrida.

Autores como Marques (2006), Chacon (2012), Silva (2013), Lucena (2017), todos em trabalho no campo do contato dialetal, destacaram a grande influência dessa variável, que junta a outras questões revela um papel catalizador para o processo de acomodação linguística ou, como preferimos identificar, transferência linguística, o pode ser o caso dos trabalhos desenvolvidos por Silva (2013) e Lucena (2017). No trabalho de Possati (2015), também em contato dialetal, os resultados estatísticos revelaram-se significantes para o processo de acomodação entre os dialetos paraibano e carioca.

Vejamos os valores da aplicação da consoante velarizada em relação à variável tempo de exposição em nossa pesquisa.

Tabela 2: valores da aplicação de /l/ de acordo com o tempo de exposição

Grau de exposição	N/T	%	P.R
Estudantes mais expostos (a cima de dois anos)	780/903	86,4	0.40
Estudantes menos expostos (até dois anos)	647/686	94,3	0.62

Input:0.929 Significância: 0.000

Neste trabalho, a variável independente tempo de exposição, que direciona seus resultados tanto para o nível social quanto para o nível linguístico, está relacionada à quantidade de anos que os guineenses residem no Brasil, referindo-se ao tempo de contato do informante com a variante brasileira da língua portuguesa.

Em Silva (2013), por exemplo, trabalho muito semelhante ao nosso, no qual se buscou analisar o comportamento da lateral pós vocálica em situação de contato dialetal na produção linguística de africanos lusófonos residentes em João Pessoa, a variável em

discussão ocupou o segundo lugar em grau de relevância nas rodadas que dizem respeito à manutenção e vocalização da lateral, revelando-se como grande influenciadora nos processos em questão, sendo descartada apenas na rodada de apagamento.

Ainda na mesma pesquisa, a autora foi surpreendida pelos resultados ao observar que os moradores mais antigos no Brasil mantiveram a variante velarizada, refutando a hipótese da autora de que quanto maior o tempo de exposição maior o grau de acomodação ao novo dialeto.

A presença de dois informantes guineenses em contraste com a falta de informantes cabo-verdianos com mais de 8 anos de exposição condicionou o desvio dos resultados esperados. Outro caso curioso, é que os informantes mais expostos ao dialeto brasileiro rinham, respectivamente, oito anos de exposição, com 40,3% de acomodação, e dez anos de exposição com 9,6% de acomodação.

Acreditamos que para entender esse caso curioso podemos nos basear em Marques (2006) sobre as vogais pretônicas em contato dialetal intercontinental entre os dialetos do Brasil e de Lisboa, no qual o tempo de exposição ressaltou vital influência para determinar o grau de acomodação dos falantes. A autora pondera que

o intervalo de dez anos é suficiente para se perceber considerável acomodação do dialeto do migrante em direção ao dialeto acolhedor. No que diz respeito aos brasileiros residentes em Lisboa, esse período é muito curto para uma visível incorporação de traços do português europeu, pelo menos no que diz respeito às vogais pretônicas. (MARQUES, 2006, p.146)

A autora usa esses argumentos para evidenciar que as pressões sociais que naturalmente sofridas em relação à língua dentro de um mesmo continente não são as mesmas quando se trata do contato dialetal intercontinental, o que podemos trazer para a interpretação do trabalho de Silva (2013) quando nos deparamos com a não corroboração das hipóteses estabelecidas inicialmente. Isso porque o contato dialetal não se processa da mesma forma quando se trata de variedades inter-regional e intercontinental (MARQUES, 2006, p.146).

Percebemos que, apesar de muito interessante e por dialogar muito com a nossa pesquisa, os dados estatísticos do trabalho de Silva (2013) deixam muitas lacunas em aberto, visto que eles podem nos levar a conclusões equivocadas a respeito do fenômeno da acomodação dialetal (LUCENA, 2017, p.71).

Estas lacunas podem ser explicadas através das atitudes linguísticas em relação à variável *tempo de exposição* em que os dados qualitativos parecem indicar algo a mais: as atitudes/crenças positivas parecem ter um papel ainda mais importante, pois funcionam como gatilho para que a variável tenha pleno funcionamento (LUCENA, 2017, p. 62).

Chacon (2012), analisando o contato dialetal com foco no falar de paulistas residentes em João Pessoa, conseguiu, através de duas rodadas diferentes no GoldVarb X, resultados que corroboraram a hipótese inicial da acomodação dialetal em relação ao tempo de exposição.

Para ela, o tempo de exposição foi catalizador para o processo de acomodação dialetal, o que se mostra diferente na pesquisa de Silva (2013). A pesquisadora constatou, através dos dados estatísticos, que dentre os seus informantes aqueles que mais acomodaram seu falar ao falar pessoense foram os indivíduos com maior tempo de exposição ao novo dialeto.

Atentando para a grande relevância da variável tempo de exposição nos trabalhos em contato dialetal, e dando especial atenção aos resultados referentes às pesquisas em destaque, adotamos também a variável tempo de exposição em nosso estudo, o que resultou, de maneira semelhante, como fator de grande relevância, ocupando o segundo lugar na posição de hierarquia das variáveis independentes.

Conforme a tabela 2, a manutenção da variante velarizada /l/ obteve peso relativo igual a 0.40 para aqueles com maior tempo de exposição e 0.62 para os que estão expostos à nova língua há menos tempo. Percebe-se que há uma diferença em relação aos informantes que acomodaram mais ou menos seu falar ao brasileiro.

Uma de nossas hipóteses iniciais gira em torno da ideia de que quanto menor o tempo de exposição, maior seria a aplicação da variante velarizada pelo fato dela ter mais semelhança à língua materna dos guineenses. Desse modo, a influência do contato entre as línguas seria determinante para o processo de transferência linguística, estado primário do processo de acomodação efetiva, pelo contato entre dois sistemas linguísticos diferentes.

Nesse sentido, podemos dar nossa hipótese como válida, visto que a mesma foi corroborada, nos dando como retorno a manutenção da consoante velarizada pelos

informantes menos expostos à língua portuguesa, enquanto os mais expostos oscilam entre a convergência e a divergência, como é de se esperar.

Visto que os dados não se sustentam sozinhos, nos embasamos na teoria do contato linguístico/dialetal para justificar nossos resultados. Vimos em nossos dados que o modo como os guineenses pronunciam a consoante lateral da língua portuguesa do Brasil é diferente da pronúncia dos brasileiros, obviamente pelo fato de não serem nativos. Esse fato torna mais retardado o processo de acomodação nos impossibilitando de tratar o fenômeno como convergência ou divergência em relação à língua em contato, especialmente, pelo fato de que de o total de ocorrência da variável corresponde a um valor ínfimo de produção divergente do dialeto de origem.

Entendemos, no entanto, que o fenômeno ocorrido enquadra-se numa situação de contato entre sistemas linguísticos, no qual já nos detivemos no início do texto, fenômeno esse que prevê a substituição do segmento em questão, na língua em contato, pelo mesmo segmento da língua materna, ou incorporações de significados da língua materna à língua de contato, resultando num processo ainda primário de convergência, visto que ainda ocorre de maneira indireta, e na maioria das vezes os indivíduos não se dão conta disso.

Acreditando que os dados estatísticos expostos na tabela não estavam, sozinhos, dando conta da análise dos resultados, optamos por nos ater às questões atitudinais dos informantes para entender o desdobramento dessa variável. Isso quer dizer que apesar de a variável *tempo de exposição* exercer uma influência no processo de acomodação dialetal, ela necessita de um gatilho para seu funcionamento: a presença de atitudes linguísticas favoráveis com o novo dialeto a ser adquirido (LUCENA, 2017, p. 62).

Os resultados da aplicação da variável dependente, em nosso estudo, em relação ao *tempo de exposição*, mostram que os dados de apagamento e vocalização são praticamente nenhum em relação aos dados de velarização, ou seja, a manutenção da forma característica da língua materna dos informantes ainda é mais marcante.

Quando se trata de acomodação dialetal em relação ao tempo de residência ou tempo de exposição, espera-se que o tempo de residência seja um facilitador do processo de acomodação dialetal e, portanto, quanto mais tempo de exposição o informante tiver, mais ele exercerá a acomodação ao novo dialeto.

Percebe-se que, como se espera, os informantes com maior tempo de exposição realizam maior quantidade de apagamento e vocalização, traços característicos da língua portuguesa, se comparados aos informantes com menor tempo de exposição. Mas o que nos chama atenção é o fato de que os informantes expostos à nova língua há mais tempo também possuem altos valores de velarização, o que se espera que seja menor, pelo fato de estarem a mais tempo expostos ao português, o que permite uma tendência à acomodação.

Instrumento de coleta

Sabe-se que em trabalhos envolvendo a língua em situação vernacular é imprescindível que a forma de abordagem aos informantes seja feita da maneira mais natural possível, de forma que se crie um ambiente no qual o sujeito esteja o mais natural e menos monitorado possível. O propósito do método “entrevista sociolinguística” é minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados (TARALLO, 2005, p.21).

Nessa perspectiva, de acordo com Tarallo (2005), a entrevista sociolinguística deve ser estruturada em módulos, de modo que não se fuja tanto do tema do módulo em questão, e assim, todos os sujeitos da pesquisa terão falado basicamente sobre os mesmos temas.

De um modo geral, a maioria dos trabalhos sociolinguísticos utiliza o mesmo método de coleta de dados, a entrevista sociolinguística. De trabalhos já citados por nós nesse estudo, os de Silva (2013) e Possati (2015) são exemplos de uso da entrevista sociolinguística, bem como de gravação de listas de frases em um momento um pouco mais monitorado. Vejamos então os valores de aplicação da variante /l/ no contexto da entrevista sociolinguística e listas de frases veículo:

Tabela 3: valores da aplicação de /l/ por instrumento de coleta

Método	N/T	%	P.R
V (entrevista)	913/1.046	87,3	0.39
P (lista de frases)	514/545	94,7	0.69

Input: 0.929

Relevância: 0.00

Utilizamos como instrumento primeiro de coleta de dados a entrevista sociolinguística baseada no modelo contextual A3¹¹ proposto por Labov [1966] (2008), anteriormente destacado na metodologia. Esse modelo defende que quanto mais os informantes estiverem à vontade para falar, mais chances se tem de chegar a seu padrão natural de fala. O segundo instrumento foi a gravação de frases, método no qual o informante se sente mais monitorado, o que provoca um distanciamento do seu padrão vernacular natural.

Observando os dados numéricos representativos desse bloco, observamos que em comparação à lista de frases, o contexto da entrevista ficou com um peso relativo consideravelmente baixo. Acreditamos que esses dados assim se apresentaram porque não há uma padronização da quantidade de vezes que a variante pode ocorrer nas entrevistas, enquanto na lista de frases ela aparece exatamente na mesma quantidade de vezes para todos os informantes, além de aparecer igualmente nas duas línguas, o que não implica necessariamente a sua ocorrência do mesmo modo, mas de toda forma estipula um padrão de quantidade de ocorrências.

Como esperado, confirmamos a hipótese de que na gravação das frases teríamos maior ocorrência da velarização que no instrumento de fala semi-espontânea. Além dos motivos que justificam as ocorrências já citados, podem estar presentes também a não influência das emoções e sensações durante a leitura de frases, bem como a influência

¹¹ “Em alguns tipos de entrevista, é necessário cortar réplicas longas e digressivas, ou interrupções rápidas ou retóricas, a fim de levar o trabalho a cabo. Nesse programa de entrevista, prevaleceu a política oposta. Toda vez que uma pessoa dava sinais de querer falar, nenhum obstáculo se interpunha: quanto mais ela divagasse, mais chance tínhamos de estudar seu padrão de fala natural... O contexto A3 representa uma transição dos contextos em que a fala casual é formalmente adequada para aqueles em que o estado ou atitude emocional do falante suplanta qualquer restrição formal, e a fala espontânea emerge” (LABOV, [1966] 2008, p. 116).

dos segmentos que acompanhavam o /l/ nas palavras, primeiro pelo fato da pouca influência sobre o segmento, segundo porque a escolha da frase veículo foi feita de modo que as influências de outros segmentos fossem 90% excluídas.

Vale salientar uma curiosidade ocorrida durante as gravações, mesmo tendo a informação de que as listas eram nas duas línguas, uma em português e uma em crioulo guineense, os informantes velarizaram majoritariamente o segmento /l/ na lista em língua portuguesa, o que sustenta ainda a mais a nossa hipótese de transferência de propriedades linguísticas características da língua crioula para a língua portuguesa.

Sexo/gênero

Nesse estudo a variável sexo/gênero, estratificada binariamente como masculino e feminino, foi a quarta selecionada em questão de relevância.

De acordo com Freitag (2015), a nomeação da variável sexo/gênero compõe um paradoxo e nos estudos sociolinguísticos nos quais esta variável é selecionada como significativa, ocorre o que a autora chama de assumpção de premissas que revelam a construção social, gênero, para dados coletados em uma perspectiva puramente biológica (ou civil) de sexo (FERITAG, 2015, p. 30).

Por esse motivo, na hora da seleção dos informantes e da coleta de dados o controle se dá através do sexo biológico, enquanto a análise do fenômeno se dá de forma social e cultural, deixando a estratificação biológica em segundo plano. Ainda segundo Freitag (2015, p. 30-31),

Assim como a idade, sexo é uma categoria biológica que baliza normas, papéis sociais e expectativas em todas as sociedades. E por conta do traço social, é mais apropriado falar em gênero do que em sexo. Eckert parte da premissa de que não há razão para acreditar que há uma simples e constante relação entre gênero e variação linguística.

Ou seja, essa relação entre gênero e variação é muito mais complexa do que podemos imaginar. Ela está altamente coberta por questões sociais de várias naturezas não podendo, de maneira alguma, passar sem atenção em trabalhos como este. Nesse sentido, apresentamos em seguida a tabela que nos mostram o quantitativo de aplicação da variante velarizada em relação ao sexo/gênero.

Tabela 4: valores da aplicação de /l/ por sexo/gênero

Sexo/Gênero	N/T	%	P.R
M (Masculino)	1.009/1.091	92,5	0.56
F (Feminino)	418/498	83,9	0.35

Input: 0.929

Relevância: 0.00

Na presente rodada, vemos que as mulheres se saíram mais inovadoras que os homens, o que de acordo com a sociolinguística é comum quando a nova forma não é estigmatizada.

Baseada em ideias labovianas, Freitag (2015) pondera que quando se trata de um fenômeno sociolinguístico estável os homens tendem a utilizar mais as variantes não padrão, do que as mulheres. Mas, na maioria dos fenômenos de mudança linguística, quando não há estigma, as mulheres são quem lideram a aplicação do fenômeno pelo fato de serem mais inovadoras que os homens.

A autora ainda destaca o papel social feminino em relação às mudanças linguísticas. Segundo ela, as mulheres são sempre inovadoras, seja em casos de mudança linguística nos quais se tem consciência social de tal mudança, ou em casos nos quais não se tem essa consciência.

Isso ocorre porque quando se há consciência as mulheres adotam as formas de prestígio com mais facilidade que os homens, e quando não há consciência elas utilizam as formas de prestígio mais que os homens. Vejamos os exemplos de trabalhos desenvolvidos na área:

Eckert (1989) destaca as orientações de explicações acerca das diferenças entre os comportamentos linguísticos de homens e mulheres. Labov (1972) e Trudgill (1972) apontam para a grande orientação às normas de prestígio da comunidade como a força principal do comportamento linguístico das mulheres. Deuchar (1988), por outro lado, defende que o comportamento linguístico conservador das mulheres é uma função das relações de poder básicas na sociedade. E, por outra via, os estudos de Milroy (1980) e Nichols (1983) sugerem que as diferenças de gênero na variação linguística são atribuídas às forças sociais que se vinculam às mulheres em virtude do seu lugar na

economia. Os resultados do estudo de Eckert acerca do comportamento dos Jockers e Burnouts, considerando gênero e classe social, mostram que sexo/gênero e categorias sociais não são necessariamente variáveis independentes, mas podem interagir por diferentes meios; por isso, análises baseadas em abstrações demográficas definidas pelo analista ficam a dever na explanação da construção social da variação. (FREITAG, 2015, p.31)

Vê-se, então, através de uma hipótese já estabelecida e firmada no âmbito dos trabalhos sociolinguísticos que as mulheres são, categoricamente, responsáveis pelas mudanças linguísticas, apesar de em relação à língua padrão serem mais conservadoras e conformistas que os homens.

Mago (1998) também tratou da variável na pesquisa sobre o comportamento do /l/ pós- vocálico no sul do Brasil. Em seus resultados, as mulheres aplicaram a regra inovadora da vocalização mais que os homens, com um valor de .56 de peso relativo.

Quednau (s.d.), em seu estudo variacionista sobre a lateral pós-vocálica, obteve resultados próximos ao ponto neutro, em relação à variável “sexo”, mas, ainda assim, a variável foi selecionada como significativa. Segundo ela, essa é uma variável que pode exercer influência sobre o uso de uma regra, mas que se torna perigoso atribuir a homens ou mulheres o papel de inovador na língua levando em conta só essa variável porque ela interage com outras questões sociais.

No estudo de Hora (2006) sobre a vocalização da lateral em João Pessoa, a variável “sexo” foi selecionada como uma das variáveis sociais mais importantes, gerando a conclusão de que as mulheres se sobressaem como mais inovadoras que os homens em relação ao fenômeno.

Em Nedel (2009), trabalho desenvolvido em Lages – SC, os resultados obtidos em relação ao sexo mostraram uma diferença maior entre homens e mulheres, se comparado aos trabalhos de Hora (2006), Quednau (s.d.) e Mago (1998). Nele as mulheres resultaram .68 de peso relativo, um valor bem mais elevado em relação aos homens, com .36. Em casos como este, podemos confirmar com mais propriedade sexo/gênero não atua sozinho, apontando resultados consideravelmente diferentes de acordo com as questões sociais e culturais envolvidas.

Em Possatti (2015), sobre a acomodação linguística de falantes cariocas em João Pessoa, a variável também foi selecionada como relevante, destacando que os homens

acomodaram mais que as mulheres, que tendem a ser mais conservadoras em relação ao dialeto padrão, nesse caso, o de prestígio. O autor coloca que as pressões sociais que recaem sobre os gêneros são diferentes devido a seus papéis sociais e em relação à cultura e por isso as mulheres não se revelaram tão inovadoras nesse estudo.

Percebe-se, então, que apesar de não atribuir valores extremamente discrepantes em sua maioria, entre as categorias, a variável social sexo/gênero é sempre significativa em pesquisas sociolinguísticas e variacionistas pelo fato de atuarem sempre em conjunto com os fatores sociais e culturais que de certa forma padronizam e organizam a sociedade e a comunidade linguística que está em análise.

Contexto Fonológico Anterior

O contexto fonológico anterior foi a última variável selecionada pelo programa GoldVarb X neste estudo. Essa variável corresponde às características (traços) da vogal que antecede a consoante lateral na palavra. A posição de relevância ocupada pela variável é muito importante para que possamos entender qual o tipo de vogal que favorece mais ou menos a ocorrência do fenômeno em análise. É através da rodada que conseguimos perceber qual ou quais as variáveis mais significativas para a manutenção da variante velarizada.

No Brasil há uma gama de trabalhos, como os citados nas seções anteriores e os citados mais adiante, que trazem abordagens da lateral /l/ e suas formas variáveis, especialmente, em relação à vocalização, ou seja, à perda do traço alveolar ou velar em resposta à variação ou mudança nos traços da consoante no português do Brasil.

Em estudos realizados no Brasil, como os de Mago (1998), Tasca (2000), Espiga (2001), Leite, Callou e Moraes (2007), Collischonn e Quednau (2008), Quednau (s.d.), sobre a variação da consoante lateral, os resultados são semelhantes em direção da vocalização do /l/. Em todos eles, categoricamente, a consoante está em processo de mudança e em Collischonn e Quednau (2008) e Quednau (s.d.), especificamente, a variável contexto fonológico precedente acentuou questões interessantes acerca da variável.

Em Quednau (s.d.), estudo variacionista da lateral pós-vocálica, a autora destaca que, dentre as variáveis que desempenham papel importante para a regra da vocalização encontra-se o contexto fonológico precedente. De acordo com os resultados demonstrados na pesquisa, as vogais mais favorecedoras da regra de vocalização são as médias anteriores e a vogal central, seguidas das médias posteriores, depois pelo /i/ e por fim pelo /u/. Segundo a autora, as vogais /i/ e /u/ tendem a preservar a forma original enquanto as outras vogais favorecem a vocalização da lateral. Isso acontece porque

com o fato de se criarem ditongos nítidos no caso de vogais não altas, isto é, quando as vogais que formam o ditongo estão foneticamente separadas quanto à altura, o que favorece a regra; já no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados) haveria uma tendência a reter o processo em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas. (QUEDNAU, SD, p.72)

Com isso a autora nos direciona ao entendimento de que por uma questão de articulação e ambiguidade de traços as vogais altas não são favorecedoras do processo de vocalização, obtendo pesos relativos diferenciados quando comparadas às vogais médias e com a central baixa.

Mago (1998) destaca que as vogais que antecedem o /l/ como (contexto precedente) tendem a determinar o comportamento da consoante. Esta justifica seu posicionamento pelo fato de que, em seu trabalho, as palavras que continham o /l/ pós-vocálico na posição de sílaba tônica havia um maior favorecimento à aplicação da regra da vocalização, predominantemente, palavras nas quais o contexto precedente eram /e,ɛ/, /o,ɔ/ ou /u/.

Collischonn e Quednau (2008), em pesquisa sobre a lateral na região Sul, fazem destaque ao caso, alertando, através dos pesos relativos resultantes da variável contexto fonológico precedente, que essa variável se posiciona próximo a um ponto neutro, com exceção da vogal /u/ que indica favorecimento da velarização.

Elas chegam à conclusão de que o fenômeno da vocalização é um processo de estruturação silábica e não motivado pelos segmentos adjacentes, não se caracterizando como processo assimilatório. Segundo elas,

sendo a vocalização um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, a natureza da vogal precedente não deveria influenciar a ocorrência da vocalização da lateral; entretanto,

análises anteriores tinham apontado que havia desfavorecimento em alguns casos e favorecimento em outros... As análises aqui apresentadas (...) mostram que o contexto precedente realmente não interfere no processo de vocalização, com exceção da vogal precedente [u], caso que se explica devido à marcação da sequência [uw] criada com a vocalização nestes casos. (COLLISCHONN E QUEDNAU, 2008, p. 11)

Vê-se que a conclusão das autoras vai de encontro ao que pondera Quednau (s.d.), citado anteriormente. Através destes e de tantos outros trabalhos sobre a realização da mesma consoante no Brasil, podemos afirmar que a forma predominante do /l/ pós-vocálico é como /w/. Conclui-se que, no Brasil, a lateral já perdeu seu traço velar ou alveolar dando espaço à forma vocalizada. Observemos:

Tabela 5: valores da aplicação de /l/ quanto ao contexto fonológico precedente (vogais)

Vogal	N/T	%	P.R
[e ε]	143/148	96,6	0.78
[i]	231/260	88,8	0.59
[o/ɔ]	159/171	93,0	0.52
[a]	556/643	86,5	0.45
[u/w]	338/367	92,1	0.36

Input: 0.929

Relevância: 0.00

Na pesquisa em questão, nota-se que os contextos fonológicos precedentes que mais favoreceram a velarização do segmento lateral são as vogais /e, ε, i, o, ɔ, u/ deixando em último lugar a vogal alta arredondada /u/.

Hora (2006), em seu estudo sobre a variação da lateral em João Pessoa, constatou que, semelhantemente aos trabalhos já citados por nós, as vogais que mais favorecem o processo de vocalização são a vogal baixa [a], a vogal anterior [e/ε] e a vogal alta [i], destacando também que a vogal [u/w] é a menos favorecedora do processo por

estabelecer junto ao [w] um ditongo mal formado. Ele ainda completa afirmando que as vogais anteriores são as mais facilitadoras do processo de vocalização.

Neste caso, vemos através da tabela que as vogais que mais favorecem a vocalização em pesquisas sobre o português do Brasil são as mesmas que favorecem a velarização em nossa pesquisa. Percebe-se também que a vogal /w/, a qual para Collischonn e Quednau (2008) aparece como a principal favorecedora da velarização, em nosso estudo aparece como a menos favorecedora do fenômeno da velarização, com apenas 0.36 de seu peso relativo.

Em Silva (2013), a rodada “influência da variável contexto fonológico anterior na manutenção da lateral velarizada” apresentou valores de .65 para a vogal alta anterior /i/, .62 para as vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/, .59 para as vogais fechadas e .53 para a vogal alta /u/, sendo a vogal baixa /a/ a mais desfavorecedora do processo de velarização.

De acordo com os dados de Silva (2013), percebe-se que a proeminência das vogais alta /i/ e médias abertas e fechadas /e, e, o, ɔ/ é categórica para a manutenção do segmento velarizado na fala de informantes africanos de língua portuguesa. Desse modo, considerando a semelhança entre as pesquisas, ousamos concordar que a variável contexto fonológico precedente corresponde a um fenômeno motivado por um processo fonológico, que ocorre na estrutura da sílaba. Observemos o quadro:

Figura 5: Vogais favorecedoras dos processos de velarização e vocalização

Processo/Autor	Vogais
Vogais que mais favoreceram a vocalização (HORA, 2006)	/a/, /i/, /e/
Vogais que favorecem a velarização (SILVA, 2013)	/i/, /ɛ/, /u/, /e/ e /o/
Vogais que mais favoreceram a velarização (estudo atual)	/e/, /ɛ/, /i/ /o/, /u/

FONTE: a autora

Através desta comparação, acredita-se que podemos concordar com Collischonn e Quednau (2008) ao tratarem a variável contexto precedente como um fenômeno de

natureza estrutural da sílaba e não como processo assimilatório, tendo em vista que as vogais anteriores se mostram como favorecedoras tanto do processo de velarização quanto do processo de vocalização. Se o fenômeno fosse assimilatório, teríamos o contrário disso, visto que os fenômenos analisados, apesar de envolverem o mesmo segmento, são distintos.

Na língua portuguesa, por exemplo, as sílabas são estruturadas de acordo com as seguintes sequências de vogais e consoantes: CV, CCV, V, VC, CVC, CCV, CCVC, CVCC. Essa estrutura pode ser modificada durante a realização da sequência prevista (SANTOS, 2016, p.24). Quando uma sílaba CVC passa a CVV, como, por exemplo, em /a.ma.vel/ – /a.ma.vew/, ocorre o fenômeno de ditongação, causando uma modificação na estrutura da sílaba, especialmente porque se tem uma vogal anterior como precedente do segmento lateral, o que favorece a vocalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É do nosso conhecimento, através do tópico abordado neste trabalho, o comportamento variável do fonema lateral /l/ na língua portuguesa. Conforme podemos observar, é consenso entre os autores abordados o status conservador da lateral pelos falantes do Sul do país, por um lado, e por outro, o status inovador e quase generalizado da variante vocalizada mais comumente recorrente nos estados das regiões Norte e Nordeste.

Reparamos também que no inventário fonológico do crioulo guineense o comportamento da lateral se dá, via de regra, de maneira velarizada, semelhante à variante já utilizada de forma categórica na região Sul do Brasil.

Sendo assim, podemos considerar que o comportamento variável do segmento lateral da língua portuguesa não se dá exclusivamente por questões ligadas à estrutura interna da língua, ou seja, o que promove um comportamento tão variado do fonema são questões extralinguísticas, como a região na qual é falada cada variedade, com que outras línguas os falantes têm contato diário, o perfil conservador linguístico de cada comunidade de falantes, entre outros fatores.

Interpretamos que o processo fonológico de velarização, comum à realização dos guineenses que têm o português do Brasil como segunda ou terceira língua, se não o são, podem ser resultado de fenômenos característicos do contato entre línguas, com especial atenção às transferências linguísticas.

Por assim afirmar, podemos considerar que através do contato entre dois sistemas linguísticos pode haver a incorporação de uma forma comum da língua materna à segunda língua por esta ser semelhante ao português; os falantes podem transferir o significado de uma forma de sua língua materna por uma forma pouco frequente na sua segunda língua, usando o segmento com o mesmo significado que na sua língua materna, ou ainda, os falantes do crioulo podem, por apresentar alguma semelhança, utilizar o sistema linguístico/ fonológico do crioulo no vernáculo da sua variante do português, que não se sabe ao certo se tem identidade formada.

Nota-se, através das análises de dados, que a variação existente entre brasileiros e guineenses no modo de pronunciar a consoante lateral se dá não apenas por questões

linguísticas e estruturais, mais que isso, percebe-se que as questões sociais envolvidas nos processos de contato entre as línguas são mais significativas que as próprias questões linguísticas necessariamente.

As características linguísticas resultantes do contato entre os sistemas linguísticos manifestam-se de maneiras diferentes em cada variável, mais um indício de que o fator social é grande influenciador, inclusive do sistema formal, das línguas em contato.

Ao observar que os informantes não fazem distinção fonológica na hora da leitura de frases em português e em guineense, embora as listas sejam escritas com a ortografia de cada uma das línguas, percebemos que essa relação de transferência linguística possui muito mais sentidos do que o que pudemos analisar neste trabalho.

Ocorre-nos, desta maneira, reafirmar que a língua é muito mais social que estrutural e que aos resultados desta pesquisa são provas de que as atitudes e ações da sociedade, ainda que inconscientemente, são fatores revolucionários para a variação e mudança linguísticas.

REFERÊNCIAS

- BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. Brasil, Moçambique e Angola: desvalando relações sociolinguísticas pelo prisma dos pronomes de tratamento. 2015. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista – unesp. Faculdade de Ciências e Letras. São Paulo.
- BARBOSA, Patrícia. Consoante pós-vocálica final do PB: onset de sílaba com núcleo vazio. 2011. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa, ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.) Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHACON, Karoline Albuquerque. Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa.
- COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. Variantes da Lateral Pós-Vocálica na Região Sul: O Papel das Variáveis Linguísticas Envolvidas. Anais da CELSUL, 2008.
- COSTA, Paula Mendes. Descrição fonológica do crioulo Guineense. 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. PPGL, Recife.
- COUTO, Hildo Honório do. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas natives. S.d. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/52439552-O-crioulo-guineense-em-rela-ao-ao-portugues-e-as-linguas-natives.html> > Acesso em: 04 de outubro de 2019
- COUTO, Hildo Honório do. Unidade versus diversidade linguística na Guiné-Bissau. 1991. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9763/1/ARTGO_UnidadeVersusDiversidade.pdf > Acesso em: 04 de outubro de 2019
- COUTO, Hildo Honório do. Hipótese da relexificação na gênese de crioulos e Pidgins. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/3331329-Hipotes-darelexificacao-na-genese-dos-crioulos-e-pidgins.html> > Acesso em: 04 de outubro de 2019
- EMBALÓ FRANÇA, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. PAPIA, n 18, p.101-107, 2008.
- ESPIGA, Jorge. A Lateral Pós-Vocálica na Fronteira dos Campos Neutrais: Estudo Sociolinguístico da Regra Telescópica nos Dialectos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Letras Hoje, nº 1, v.37, p. 49-68. Porto Alegre, 2002.
- FAFINA, Danilo Mussa. Língua Portuguesa: Guiné-Bissau e Brasil um caso de variação linguística. Disponível em: < <http://www.didinho.org/Arquivo/ARTIGO%20DE%20DANILDO%20II%20CIDS.pdf> > Acesso em: 04 de outubro de 2019
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Ariel, 1998.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (RE) Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>> Acesso em: 04 de outubro de 2019

HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.9, n 18, p. 29-44, 1º sem. 2006.

HORA, Dermeval da., PEDROZA, Juliene L. R. e CARDOSO, Walcir. Status da consoante pós-vocálica do português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?. *Letras Hoje*, Porto Alegre. V.45, n 1, p. 71-79, jan./mar. 2010.

INTUMBO, Incanha. “Guiné-Bissau: Um “retalho” de línguas e culturas”. Congresso Afro-Luso-Brasileiro. Coimbra, 2004.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos/ William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D., and BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 101-024.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. O /l/ Em Posição de Coda Silábica: Confrontando Variedades. XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – APL. P. 423-430. Lisboa, 2007.

LUCENA, Rubens Marques de. Um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito tempo de exposição em fenômenos de contato dialetal. *Gragoatá*, nº 42, v. 22, p.62-84. Niterói, 2017.

HERNÁNDEZ CANPOY, J. M. & ALMEIDA, M. Metodología de la Investigación Sociolingüística. Granada: Comares, 2005.

MAGO, Diane Dal. O Coportamento do /l/ Pós-Vocálico no Sul do País. *Working Papers em Linguística*, nº2. Santa Catarina, 1998.

MANÉ, Djiby. Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné: quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua?. 2007. Tese de doutorado. Universidade de Brasília – UnB. Instituto de Letras, Brasília.

MARONEZE, Bruno. Línguas Crioulas. Disponível em: <<http://opensadorselvagem.org/arquivo/matabicho-linguistico/linguas-crioulas>> Acesso em: 24 de jul. de 2019.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. As vogais pretônicas em situação de contato dialetal. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro.

MATZENAUER, Carmen Lúcia e MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Teoria dos traços. In: *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 47-62.

MOURÃO, Daniele Ellery. Guiné Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. *Pró-Posições*, nº 1, v. 20, p. 83-101, Campinas, 2009.

NEDEL, Eduardo Luis. A Lateral Pós-Vocálica em Lages/ SC: análise variacionista. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – URGs. Porto Alegre.

PINHO, Antônio José e MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós vocálica /L/ no português do Brasil. Work. Pap. Linguist.: n2; 67-88, Florianópolis, 2010.

POSSATI, Lucas de Oliveira. Análise do Processo de Acomodação Linguística de Falantes Cariocas em João Pessoa. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa.

QUEDNAU, Laura Rosane. Um estudo variacionista da lateral pós vocálica. GRAPHOS (S.d). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274670561_A_variacao_da_lateral_pos-vocalica_l_no_portugues_do_Brasil_DOI1050071984-84202010v11n2p67> Acesso em: 04 de outubro de 2019.

SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral /l/ pósvocálica em posição de coda em português e espanhol. Revista Virtual de Estudos da Linguagem- ReVEL. v.4, n7, agosto de 2006.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

SILVA, Ciro Lopes; SAMPA, Pascoal Jorge. Língua portuguesa na Guiné-Bissau e a influência do crioulo na identidade cultural e no português. RILP- Revista Internacional de Língua Portuguesa. n.31, p. 231-247, 2017.

SILVA, Paloma Freire de Queiroz e. A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. PROLING, João Pessoa.

SILVA, Thaís Cristófar. Fonética e fonologia do português: um roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SOARA, Ohana Andrade Santos. Aspectos fonético-fonológicos na Interface Português – Cabo-Verdiano. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 2005.

TASCA, Maria. A Preservação da Lateral Alveolar na Coda: Uma Explicação Possível. Letras Hoje, nº 31, v.35, p. 331-354. Porto Alegre, 2000.

TIMBANE, Alexandre António; BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. Língua portuguesa em África: políticas linguísticas e crioulos em debate. Revista Internacional de Língua Portuguesa, nº 31, p. 15-19, Lisboa, 2017.

ANEXOS

Figura 6: Parecer Consubstanciado do CEP

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA 
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA
Título da Pesquisa: LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM CODA SILÁBICA: UM PANORAMA DA VELARIZAÇÃO EM CONTATO DIALETAL
Pesquisador: OHANA SOARA ANDRADE SANTOS
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 12851419.6.0000.5188
Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
DADOS DO PARECER
Número do Parecer: 3.348.781
Apresentação do Projeto: bem estruturado temática importante para os processos de leitura
Objetivo da Pesquisa: coerente aos passos da pesquisa
Avaliação dos Riscos e Benefícios: inerentes a projetos de pesquisa
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: temática interessante e importante para compreensão dos processos de fala e de leitura
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: atende as exigências institucionais
Recomendações: nenhuma
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: nenhuma
Considerações Finais a critério do CEP: Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim,
Endereço: UNIVERSITARIO S/N Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900 UF: PB Município: JOAO PESSOA Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.348.781

informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1126914.pdf	16/04/2019 17:53:47		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_e_livre_esclarecimento.doc	16/04/2019 17:52:18	OHANA SOARA ANDRADE SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	16/04/2019 17:50:35	OHANA SOARA ANDRADE SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_comite_de_etica_ohana.pdf	16/04/2019 17:47:58	OHANA SOARA ANDRADE SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plat.pdf	16/04/2019 17:46:38	OHANA SOARA ANDRADE SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 27 de Maio de 2019

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Figura 7: Ficha de identificação

Universidade Federal Da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Mestranda: *Ohana Saara Andrade Santos*
Orientador: *Prof. Dr. Rubens M. de Lucena*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO PARA COLABORADOR

Dados pessoais			
Nome completo:		Apelido:	
Idade:	Data de nascimento:	Sexo:	
Endereço:			
Cidade:	Estado:	País:	
Naturalidade:	Zona do país de origem: Rural () Urbana ()		
Celular:	E-mail:		
Dados acadêmicos			
Instituição de Ensino/Unilab			
Curso:	Período:		
Dados Sociais			
Ano de chegada:	Com que idade aprendeu o português:		
Sua educação escolar foi feita em: Crioulo Guineense () Português ()			
Você convive a maior parte do tempo com: guineenses () brasileiros () outros ()			
Você aceita participar dessa pesquisa na condição de colaborador? Sim () Não ()			
Você concorda em ter nossas conversas gravadas? Sim () Não ()			
Disponibilidade de dia da semana e horário: Sexta Feira 10 horas			
Assinatura do colaborador		Assinatura da mestranda	

Todo e qualquer dado só será utilizado conforme autorização e para os fins da pesquisa científica.
Em caso de dúvidas ou perguntas, entrar em contato pelo e-mail: ohanasandrade@gmail.com

Figura 8: Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a) _____

Esta pesquisa é sobre a língua e cultura de estudantes guineenses residentes no Brasil e está sendo desenvolvida pela pesquisadora **Ohana Soara Andrade Santos**, aluna do Mestrado do **PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PROLING** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Rubens Marques de Lucena.

Os objetivos do estudo são compreender como funcionam a língua e a cultura dos guineenses que atualmente residem no Brasil, escutando suas questões e opiniões sobre os dois países e observando as semelhanças e diferenças de opiniões dos colaboradores sobre as culturas em que foram/estão inseridos e sobre o crioulo guineense e o português.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o arcabouço de pesquisas acadêmicas na área da Linguística sobre temas como língua e cultura africana, levando em consideração a ainda pequena quantidade de trabalhos sobre questões linguísticas e sociais das línguas africanas de um modo geral.

Sendo assim, percebemos a importância desta pesquisa para a pesquisadora como também para os colaboradores entendendo que o trabalho poderá servir como referências teórica sobre seu país, língua e cultura seja em questões acadêmicas ou fora delas.

Solicitamos a sua colaboração para três momentos: uma conversa informal individual, uma conversa coletiva – com todos os colaboradores, também informal e uma gravação de frases em língua portuguesa e em crioulo guineense, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Redenção - CE, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora

Ohana Soara Andrade Santos.

Telefones: (83) 9 8671-1382 ou (83) 98162-4967

E-mail: ohanasandrade@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

Universidade Federal da Paraíba – Campus I

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Cidade Universitária – Castelo Branco III, João Pessoa

CEP: 58051-900

Telefone: (83) 3216-7745

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Figura 9: Roteiro de entrevista sociolinguística

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA
PARTE EXPERIMENTAL/DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OHANA SOARA ANDRADE SANTOS

Perguntas pessoais e sobre o país

1. Você pode me falar um pouco sobre o seu país ou da cidade onde morava?
2. Quando chegou ao Brasil. E quais suas impressões sobre o Brasil, João Pessoa, UFBP?
3. Você mora com guineenses ou tem contato com guineenses, ou africanos de outros países, que também moram em João Pessoa?
4. O que você mais gosta aqui? Vê alguma semelhança ou diferença (cultura, costumes, culinária, sistema educativo, político etc) com o lugar de onde veio?
5. O que fazem para se manterem ligados à cultura e às raízes guineenses?
6. O que fez nas últimas férias? E o que gosta de fazer quando não está estudando?
7. Como foi a sua infância? Você gostava de brincar de quê e com quem você brincava?
8. E como era a sua rotina na escola?
9. Você tem alguma lembrança especial de sua casa, cidade, país ou família que lhe emociona de alguma maneira?
10. Você tem uma família grande? Quantos irmãos? O que seus pais fazem?
11. Você já passou por algum momento que julga muito difícil lá ou aqui? (pensou que iria morrer, que iria matar alguém) Qual? Como aconteceu (se importa em falar?) e qual a sua conclusão a respeito disso?

Perguntas sobre a língua

12. Você acha que todo mundo fala igual? Lá na Guiné-Bissau as pessoas falam todas do mesmo jeito? E aqui no Brasil, você acha que nós paraibanos falamos igual às pessoas de outras partes do Brasil?
13. O que você acha da sua forma de falar?
14. Você acha que está falando diferente de quando chegou da Guiné-Bissau? Por quê?
15. Lá na Guiné-Bissau a língua oficial é a portuguesa, correto? O que você pensa sobre o fato de a língua oficial ser o português e não o guineense?
16. O que você acha do crioulo? Você acha que todo a recebem bem? Você prefere falar em crioulo ou em português? Por quê?

Figura 10: Lista de frases: Português



A PALAVRA É **AZUL**



A PALAVRA É **TELEFONE**



A PALAVRA É **CALDO**



A PALAVRA É **AVIÃO**



A PALAVRA É **ANZOL**



A PALAVRA É **LIVRO**



A PALAVRA É **ÚTIL**



A PALAVRA É **CARRO**



A PALAVRA É **ROSA**



A PALAVRA É **PENULTIMO**



A PALAVRA É **ROUPA**



A PALAVRA É **PAPEL**



A PALAVRA É **CORAÇÃO**



A PALAVRA É **ESMERALDA**



A PALAVRA É **CIDADE**



A PALAVRA É **BÉLGICA**



A PALAVRA É **AVIÃO**



A PALAVRA É **PULGA**



A PALAVRA É **CORAÇÃO**



A PALAVRA É **FEDERAL**

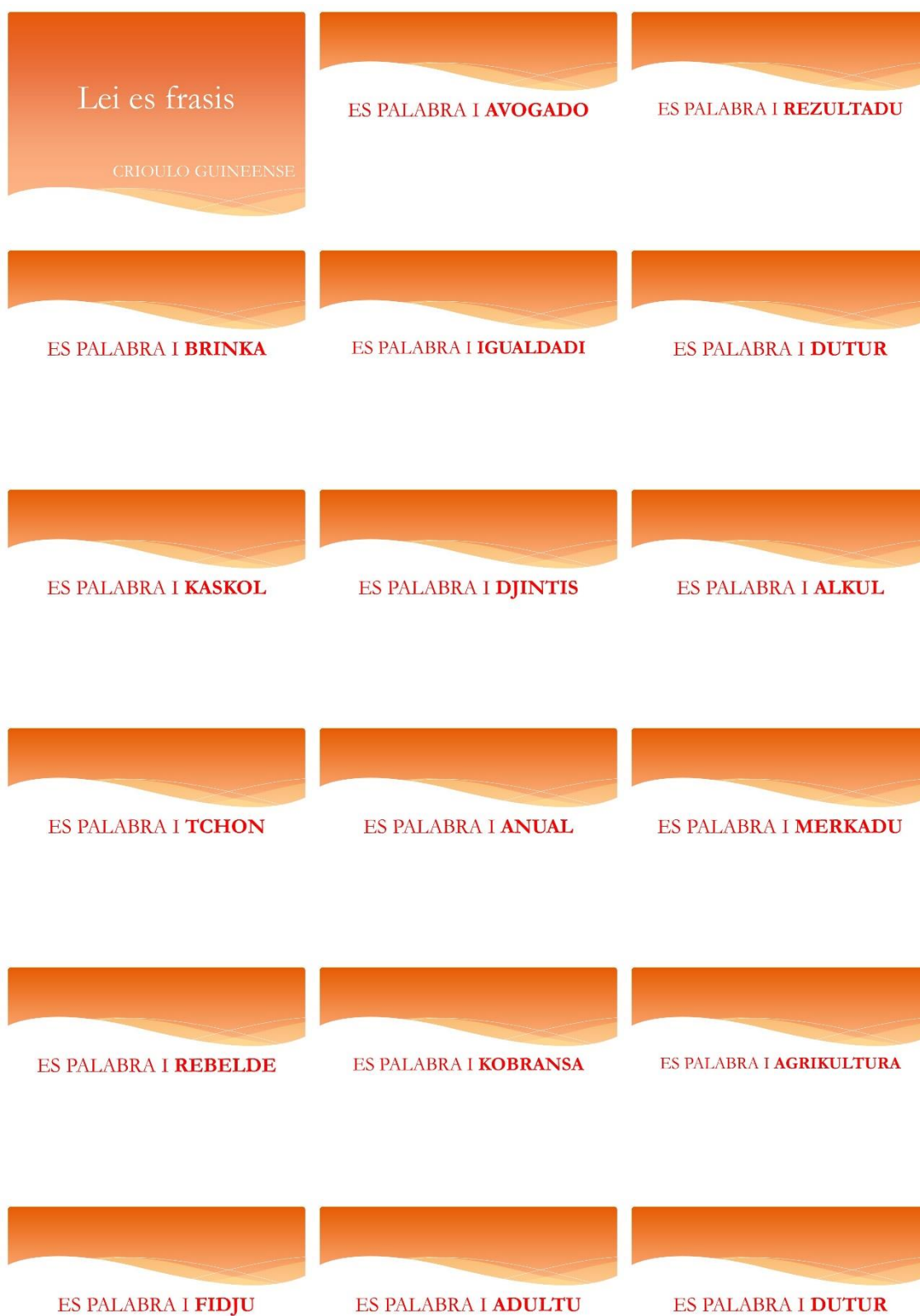


A PALAVRA É **PAÍS**



A PALAVRA É **LIVRO**

Figura 11: Lista de frases: Guineense





ES PALABRA I **ALKUL**

ES PALABRA I **TCHON**

ES PALABRA I **BRAZIL**



ES PALABRA I **FIDJU**

ES PALABRA I **ANEL**

ES PALABRA I **YAGU**



ES PALABRA I **AGRIKULTURA**

ES PALABRA I **MERKADU**

ES PALABRA I **KASKOL**



ES PALABRA I **KOBRANSA**

ES PALABRA I **REZULTADU**

ES PALABRA I **DJINTIS**



ES PALABRA I **IGUALDADI**

ES PALABRA I **SIUMI**

ES PALABRA I **BRAZIL**



ES PALABRA I **AVOGADO**

ES PALABRA I **REBELDE**

ES PALABRA I **YAGU**



ES PALABRA I **ANUAL**



ES PALABRA I **BRINKA**



ES PALABRA I **ADULTU**



ES PALABRA I **SIUMI**



ES PALABRA I **ANEL**